



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS  
LATINO-AMERICANOS (PPG IELA)**

**CATADORAS: PROTAGONISMO SOCIAL DE MULHERES QUE TRABALHAM NA  
COLETA SELETIVA**

**CHAIANE FERREIRA DE SOUZA**

Foz do Iguaçu  
2024

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS  
LATINO-AMERICANOS (PPG IELA)**

**CATADORAS: PROTAGONISMO SOCIAL DE MULHERES QUE TRABALHAM NA  
COLETA SELETIVA**

**CHAIANE FERREIRA DE SOUZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

Orientadora: Profa. Dra. Laura Janaina Dias Amato

Coorientadora: Profa. Dra. Jorgelina Ivana Tallei

Foz do Iguaçu  
2024

**CHAIANE FERREIRA DE SOUZA**

**CATADORAS: PROTAGONISMO SOCIAL DE MULHERES QUE TRABALHAM NA  
COLETA SELETIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Laura Janaina Dias Amato  
UNILA

---

Coorientadora: Profa. Dra. Jorgelina Ivana Tallei  
UNILA

---

Profa. Dra. Silvia Lilian Ferro  
UNILA

---

Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos  
UFSC

Foz do Iguaçu, 29 de fevereiro de 2024.

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação  
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

S729

Souza, Chaiane Ferreira de.

Catadoras: protagonismo social de mulheres que trabalham na coleta seletiva / Chaiane Ferreira de Souza. - Foz do Iguaçu, 2024.

86 f.: il., color.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos. Foz do Iguaçu – PR, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Laura Janaina Dias Amato.

Coorientadora: Profa. Dra. Jorgelina Ivana Tallei.

1. Catadoras. 2. Gênero. 3. Mulheres. 4. Reciclagem. I. Amato, Profa. Dra. Laura Janaina Dias. II. Tallei, Profa. Dra. Jorgelina Ivana. III. Título.

CDU 331.5-055.2



Créditos: Bruna Martins (fotógrafa)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha companheira, Juliana Aparecida da Silva, por não ter soltado a minha mão quando pensei em desistir, e por sempre estar ao meu lado me lembrando os motivos que me fizeram começar e as razões para continuar tentando. Sem sua ajuda não teria chegado a esse momento.

Agradeço aos meus pais por incentivarem os meus estudos desde pequena, não medindo esforços para que eu pudesse concluir tudo que me propus a fazer, pois sei o quanto sempre foi importante para eles que eu pudesse fazer o que não tiveram oportunidade.

Agradeço à minha orientadora, Laura Janaina Dias Amato, pelas orientações, por me trazer sempre novas perspectivas e por aliviar meus anseios referentes não somente à pesquisa, mas às atividades do mestrado como um todo.

Agradeço à minha coorientadora, Jorgelina Ivana Tallei, pelo acolhimento e auxílio durante a pesquisa e por me proporcionar novos olhares sobre a questão das mulheres catadoras.

E, principalmente, agradeço às mulheres catadoras da Unidade de Valorização de Resíduos Geraldo Sálvio de Paula, que participaram dessa pesquisa, por se despir dos medos e resistências para contarem suas histórias, por mostrarem seu dia a dia, e me proporcionarem novas percepções. Agradeço por contribuírem imensamente para a realização dessa pesquisa.

## RESUMO

O Movimento Nacional dos Catadores e das Catadoras de Materiais Recicláveis (MNCR) relata que existem cerca de 800 mil catadores e catadoras no Brasil, sendo que deste número, cerca de 70% são mulheres. Muitas mulheres encontram na atividade da catação a fonte de renda para o sustento de si e de suas famílias, utilizando de recursos individuais e coletivos no processo de ressignificar suas vidas a partir do trabalho. Se organizar em cooperativas foi uma forma de construir suas identidades também de modo coletivo, através de um grupo formado majoritariamente por mulheres. Embora a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a divisão sexual do trabalho se manteve e continua precarizando os espaços em que elas podem ocupar dentro do sistema capitalista, as mantendo em atividades precárias e menos valorizadas. O seguinte trabalho insere o contexto das mulheres catadoras de materiais recicláveis de uma das sete Unidades de Valorização de Resíduos do município de Foz do Iguaçu – PR, com o intuito de compreender suas realidades, abordando o trabalho na cooperativa e seus desafios, atravessados pelas questões de gênero. A pesquisa qualitativa teve como proposta metodológica realizar grupos focais para investigar as dinâmicas de trabalho e relações interpessoais das mulheres catadoras. O trabalho com o lixo reciclável é constante, todos os dias caminhões chegam com o lixo coletado para a seleção. Além disso, os perigos durante a separação dos resíduos vão desde o cansaço trabalhando o dia todo em um barracão quente ou nas ruas, até cortes com cacos de vidro ou outros objetos que passam despercebidos em meio aos materiais. Além das desigualdades de gênero e as dificuldades que essa categoria enfrenta diariamente, muitas são chefes de família e o trabalho como catadora é a única fonte de renda, trabalham duas vezes mais que os homens, realizando tarefas que não são suas, retrato de uma sociedade marcada pela divisão sexual do trabalho e pela feminilização da pobreza que impõe às mulheres a tarefa de se responsabilizar pela realização de trabalhos de cuidado. As desigualdades de gênero se mantêm intrínsecas às relações sociais, sejam elas no ambiente de trabalho ou em suas casas, ordenando comportamentos e relações, desde funções dentro da cooperativa, com as mulheres realizando as tarefas de limpeza, até nas dinâmicas do lar e criação dos filhos, em que as tarefas de cuidado não remunerado também se mantêm sobre cargo delas. Para concluir, percebe-se que para enfrentar esses desafios, as mulheres catadoras de materiais recicláveis utilizam mecanismos de resistência para atuar coletivamente com outras mulheres nas tarefas que antes somente os homens realizavam, e que, a partir desses processos elas desenvolvem mais conhecimento de si mesmas, do seu protagonismo social, dos seus direitos e condição de classe social. Tudo isso contribui para elas avançarem na organização coletiva e reconhecerem seu protagonismo social em uma sociedade que acredita que tudo que envolve o lixo precisa ser descartado.

**Palavras-chave:** Catadoras. Gênero. Mulheres. Reciclagem.

## ABSTRACT

The National Movement of Collectors of Recyclable Materials (MNCR) reports that there are around 800 thousand waste pickers in Brazil, of which around 70% are women. Many women find the activity of collecting a source of income to support themselves and their families, using individual and collective resources in the process of giving new meaning to their lives through work. Organizing in cooperatives was a way of building their identities collectively, through a group made up mostly of women. Despite the insertion of women in the labor market, the sexual division of labor has remained and continues to make the spaces in which women can occupy within the capitalist system precarious, keeping them in precarious and less valued activities. The following work inserts the context of women collectors of recyclable materials from one of the seven Recyclables Valorization Units in the municipality of Foz do Iguaçu – PR, with the aim of understanding their realities, addressing the work in the cooperative and its challenges, crossed by the questions of gender. The qualitative research had as a methodological proposal to carry out focus groups to investigate the work dynamics and interpersonal relationships of women collectors. The work with recyclable waste is constant, every day trucks arrive with the waste collected for selection. Furthermore, the dangers during waste separation range from tiredness working all day in a hot shed or on the street, to cuts from broken glass or other objects that go unnoticed among the materials. In addition to gender inequalities and the difficulties that this category faces on a daily basis, many are heads of families and work as collectors is the only source of income, they work twice as much as men, carrying out tasks that are not theirs, a portrait of a society marked by the sexual division of labor and the feminization of poverty that imposes on women the task of taking responsibility for carrying out care work. Gender inequalities remain intrinsic to social relationships, whether in the workplace or in their homes, ordering behaviors and relationships, from roles within the cooperative, with women carrying out cleaning tasks, to home dynamics and child rearing. children, in which unpaid care tasks remain their responsibility. To conclude, it is clear that to face these challenges, women who collect recyclable materials use resistance mechanisms to act collectively with other women in tasks that previously only men performed, and that, through these processes, they develop more knowledge of themselves. themselves, their social protagonism, their rights and social class status. All of this helps them advance in collective organization and recognize their social role in a society that believes that everything involving waste needs to be discarded.

**Keywords:** Gender. Recycling. Waste pickers. Women.

## RESUMEN

El Movimiento Nacional de Recolectores de Materiales Reciclables (MNCR) informa que en Brasil hay alrededor de 800 mil recicladores, de los cuales alrededor del 70% son mujeres. Muchas mujeres encuentran en la actividad de recolectar una fuente de ingresos para mantenerse a sí mismas y a sus familias, utilizando recursos individuales y colectivos en el proceso de darle un nuevo sentido a sus vidas a través del trabajo. Organizarse en cooperativas fue una forma de construir sus identidades de manera colectiva, a través de un grupo compuesto en su mayoría por mujeres. A pesar de la inserción de las mujeres en el mercado laboral, la división sexual del trabajo ha permanecido y continúa precarizando los espacios que las mujeres pueden ocupar dentro del sistema capitalista, manteniéndose en actividades precarias y menos valoradas. El siguiente trabajo inserta el contexto de mujeres recolectoras de materiales reciclables de una de las siete Unidades de Valorización de Reciclables del municipio de Foz do Iguaçu – PR, con el objetivo de comprender sus realidades, abordar el trabajo en la cooperativa y sus desafíos, atravesados por las cuestiones de género. La investigación cualitativa tuvo como propuesta metodológica realizar grupos focales para investigar la dinámica de trabajo y las relaciones interpersonales de las mujeres coleccionistas. El trabajo con residuos reciclables es constante, todos los días llegan camiones con los residuos recogidos para su selección. Además, los peligros durante la separación de residuos van desde el cansancio por trabajar todo el día en un galpón caluroso o en la calle, hasta cortes por cristales rotos u otros objetos que pasan desapercibidos entre los materiales. Además de las desigualdades de género y las dificultades que esta categoría enfrenta a diario, muchas son cabezas de familia y el trabajo como recolectoras es la única fuente de ingresos, trabajan el doble que los hombres, realizando tareas que no les corresponden, un retrato de una sociedad marcada por la división sexual del trabajo y la feminización de la pobreza que impone a las mujeres la tarea de responsabilizarse de realizar las tareas de cuidado. Las desigualdades de género siguen siendo intrínsecas a las relaciones sociales, ya sea en el lugar de trabajo o en el hogar, ordenando comportamientos y relaciones, desde los roles dentro de la cooperativa, con las mujeres realizando tareas de limpieza, hasta las dinámicas domésticas y la crianza de los hijos, en las que persisten las tareas de cuidado no remuneradas. su responsabilidad. Para concluir, es claro que para enfrentar estos desafíos, las mujeres recolectoras de materiales reciclables utilizan mecanismos de resistencia para actuar colectivamente con otras mujeres en tareas que antes solo realizaban los hombres, y que, a través de estos procesos, desarrollan un mayor conocimiento de sí mismas. su protagonismo social, sus derechos y su estatus de clase social. Todo ello les ayuda a avanzar en la organización colectiva y a reconocer su papel social en una sociedad que cree que todo lo que implica residuos debe ser desechado.

**Palabras clave:** Género. Mujer. Recicladores. Reciclaje.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Porcentagem de mulheres e homens catadores.....	22
<b>Gráfico 2</b> – Nacionalidade das mulheres catadoras.....	23
<b>Gráfico 3</b> – Escolaridade das mulheres catadoras.....	24
<b>Gráfico 4</b> – Idade das mulheres catadoras.....	25
<b>Gráfico 5</b> – Idade dos filhos das mulheres catadoras.....	26
<b>Gráfico 6</b> – Porcentagem de mulheres catadoras UVR Geraldo Sálvio de Paula....	30
<b>Gráfico 7</b> – Escolaridade - UVR Geraldo Sálvio de Paula.....	31
<b>Gráfico 8</b> – Faixa etária - UVR Geraldo Sálvio de Paula.....	32

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Cronograma de encontros.....	35
--	----

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1</b> - Localização das Unidades de Valorização de Resíduos de Foz do Iguaçu.....	21
<b>Imagem 2</b> – Unidade de Valorização de Resíduos Geraldo Sálvio de Paula.....	28
<b>Imagem 3</b> - Localização via satélite da Unidade de Valorização de Resíduos Geraldo Sálvio de Paula.....	28
<b>Imagem 4</b> - Bags de coleta de material reciclável .....	37
<b>Imagem 5</b> - Esteira de seleção de material reciclável.....	38
<b>Imagem 6</b> - Encontro 1.....	46
<b>Imagem 7</b> - Encontro 1.....	54
<b>Imagem 8</b> - Encontro 2.....	59

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>3 CAMPO DE PESQUISA E PRÁTICAS METODOLÓGICAS</b>	<b>16</b>
3.1 MAPEAMENTO	21
3.2 UNIDADE DE VALORIZAÇÃO DE RESÍDUOS GERALDO SÁLVIO DE PAULA	27
3.3 ELABORAÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS	33
<b>4 O TRABALHO INVISÍVEL DAS CATADORAS</b>	<b>36</b>
<b>5 A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E A FEMINIZAÇÃO DA POBREZA</b>	<b>45</b>
<b>6 POBREZA DE TEMPO E A CONSTRUÇÃO ESTRUTURAL DE PAPÉIS DE GÊNERO</b>	<b>56</b>
<b>7 MULHERES E O SOFRIMENTO PSÍQUICO</b>	<b>68</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>77</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>83</b>
<b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	<b>84</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

O processo de estruturação de um trabalho de mestrado se mostrou mais complexo a partir do momento em que precisei passar para o papel os meus pensamentos, muitas vezes envoltos em questionamentos e anseios relacionados à temática e, principalmente, à experiência de pesquisa como um todo.

Porém, mesmo sendo um processo difícil, e também de muita descoberta, percebo que em dois anos pude compreender muito mais questões que acreditava fielmente serem “a verdade” que conhecia, abrindo espaços para uma maior flexibilidade de ideias, de aprendizados, e de uma busca por conhecimentos diversos, muitas vezes ignorados em meio ao vai e vem da vida prática. Enquanto experiência vejo que foi importante para meu crescimento pessoal e acadêmico, ao passo que consegui me desvencilhar de crenças bastante inflexíveis inclusive em relação à minha visão sobre as realidades que desconhecia.

Iniciei a graduação em Psicologia em 2012, pois conhecer a mente humana sempre foi algo muito curioso pra mim. Em minha trajetória acadêmica e profissional me deparei com o trabalho com mulheres e vários dos seus entrelaçamentos. Após a graduação, entrei para uma especialização em Saúde Coletiva e passei a atuar como psicóloga no atendimento de mulheres em situação de violência doméstica, em um projeto de extensão de uma universidade, e ali fui ampliando o meu olhar sobre fenômenos bastante particulares do ser/existir mulher em uma sociedade marcada pela desigualdade e violência de gênero. Durante o período em que trabalhei nesse projeto de extensão pude acolher histórias marcadas pelas violências, pelo preconceito e desigualdade. E, junto com as mulheres atendidas, pude perceber situações presentes na minha própria história e das mulheres da minha família, amigas e conhecidas.

Assim, após esse período de trabalho escolhi ingressar em um mestrado com o intuito de estudar mais sobre temáticas que envolvessem questões de gênero, que para mim passou a ser uma porta para um mundo de inúmeras facetas, teorias, pensamentos, opiniões e lutas. Escolhi pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latinoamericanos (PPG-IELA) da UNILA, por ser um curso interdisciplinar que abrange diferentes estudos e em que seus pesquisadores ampliam seu olhar para distintas temáticas com grande valor para a sociedade.

De início pensava em pesquisar sobre a violência doméstica em específico, considerando a necessidade de uma comunicação que pudesse abranger as

demandas desse tipo de violência ainda bastante invisível e naturalizada aos olhos da sociedade, acreditando que a violência doméstica se apresentava em todo e qualquer contexto, principalmente em grupos menos favorecidos, porém ao iniciar as disciplinas do mestrado, as leituras e orientações, o olhar foi se ampliando para novas questões, me deixando um tanto quanto confusa sobre se conseguiria seguir naquele mesmo pensamento, focada unicamente nessa direção. Mas acredito que a pós-graduação faz isso, nos tira de uma posição totalmente inflexível para nos apresentar novas formas de enxergar o mundo à nossa volta (processo nem sempre fácil ou aceito, diga-se de passagem).

Assim, abandonei a ideia de me manter totalmente fixa a uma única proposta de pesquisa, e decidi que seria importante assistir às aulas e participar das outras atividades do mestrado para ter uma bagagem maior e, posteriormente, decidir qual seria então a pesquisa que eu gostaria de iniciar. Ao longo do curso, juntamente com a minha orientadora, pensamos juntas sobre alguns temas que faziam parte das minhas demandas, pois queria manter a proposta de trabalhar com mulheres, que se relacionasse a pesquisas sobre desigualdade de gênero, e então encontramos um projeto de extensão em que eu poderia fazer parte, e nele realizar a minha pesquisa que será introduzida a seguir.

O contato com uma realidade totalmente diferente da minha modificou os sentidos e trouxe novas percepções que puderam contemplar as histórias de vida das mulheres que conheci. A pesquisa foi importante para conhecer a realidade de mulheres que utilizam da sua força física e mental diariamente na busca por sustento, ultrapassando limites que muitas pessoas não conseguiriam, mas que lhes foi imposto como necessidade.

## 2 INTRODUÇÃO

A pesquisa a seguir tem a proposta de apresentar realidades de mulheres que trabalham na coleta seletiva de material reciclável, trazendo luz para vivências e identidades muitas vezes ignoradas pelo todo social, histórias de resistência e protagonismo de um grupo de mulheres que trabalham no coletivo.

Para iniciar, a pesquisadora passou a fazer parte de um projeto de extensão intitulado “Mulheres Catadoras: pedagogia cartonera para o empoderamento”, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, idealizado pela Professora Doutora Jorgelina Ivana Tallei, que teve como proposta atuar nas Unidades de Valorização de Resíduos de Foz do Iguaçu, inserindo a prática cartonera enquanto meio de produção cultural e de diminuição de desigualdades sociais e de gênero junto às mulheres catadoras trabalhadoras das unidades.

A partir deste projeto, a pesquisa qualitativa pode ser elaborada e realizada em uma Unidade de Valorização de Resíduos de Foz do Iguaçu, e teve como proposta metodológica realizar grupos focais para investigar as dinâmicas de trabalho desse grupo de mulheres, a partir de temas do dito universo feminino, como desigualdade de gênero no trabalho, no lar, dificuldades da categoria de trabalho e representações do feminino na nossa sociedade. Os temas foram divididos em quatro encontros que foram realizados na própria unidade de reciclagem conforme horários pré-agendados. As dinâmicas que envolvem a vida das mulheres catadoras foram o objeto de pesquisa que pretendeu observar o enredo presente no cotidiano do trabalho e das relações interpessoais, além do olhar que elas têm de si mesmas e da sua função.

O capítulo 3, a seguir, apresenta as práticas metodológicas e a escolha do campo de pesquisa, fazendo uma introdução sobre o cooperativismo e a instalação da coleta seletiva no município de Foz do Iguaçu, que inclui a inauguração das unidades de valorização de resíduos a qual faz parte a cooperativa em que foi realizada a pesquisa. Além disso, traz um mapeamento inicial das unidades de coleta seletiva, com dados sobre as mulheres que trabalham como catadoras no município e, mais especificamente, na unidade em questão.

Os capítulos seguintes (4, 5, 6 e 7) apresentam a análise das narrativas das mulheres catadoras sobre os assuntos trabalhados em cada encontro, embasados a partir de leitura bibliográfica, e abordando gênero e trabalho, a feminilização da pobreza,

desigualdade de gênero estrutural e sofrimento psíquico. Deste modo, o capítulo 4 aborda o trabalho invisível das catadoras, descrevendo as atividades realizadas na cooperativa e as dificuldades enfrentadas por elas diariamente, em conjunto com os estigmas impostos pela sociedade. No capítulo 5, o trabalho e como as desigualdades de gênero se apresentam nas dinâmicas laborais são discutidas a partir da própria narrativa das catadoras, que contam como são as divisões das atividades dentro da cooperativa. O capítulo 6 traz as narrativas que norteiam as desigualdades de gênero presentes nos lares das mulheres catadoras. E o capítulo 7 apresenta o último encontro, em que as representações do feminino foram discutidas em grupo e as narrativas nos trazem o sofrimento psíquico também presente no cotidiano de vida das mulheres catadoras.

### 3 CAMPO DE PESQUISA E PRÁTICAS METODOLÓGICAS

É importante compreender a realidade da coleta seletiva no Brasil e o surgimento de cooperativas de reciclagem, para então investigar como essa categoria de trabalho se instalou no município de Foz de Iguaçu e se consolidou, atualmente, em Unidades de Valorização de Resíduos. A partir da instalação dessas unidades, a história de mulheres catadoras teve mudanças significativas.

Conforme a organização nacional dos catadores, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), tem contribuído para o reconhecimento da profissão e para a conquista de leis e programas, que vêm auxiliando as cooperativas e associações a obter espaços, estrutura, contratos remunerados e demais ferramentas para a sustentação dos empreendimentos e melhoria da renda dos cooperados (PAIVA, 2016).

Para Alexa Pupiará Centenaro (2021), as trajetórias de vida de catadores de material reciclável são marcadas pela exclusão do mercado de trabalho e pela falta de oportunidades. Os estigmas colocados para quem trabalha com material reciclável os deixa vulneráveis a diferentes agentes de sofrimentos, o preconceito e a marginalização. Antônio de Pádua Bosi (2008) comenta que o trabalho de coleta seletiva é resultado da acumulação capitalista, as taxas de desemprego, baixa escolaridade e faixa etárias elevadas, ou seja, produto neoliberal globalizado.

Segundo o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, são mais de 800 mil pessoas trabalhando como catadores no Brasil, e cerca de 70% são mulheres. Embora a organização para melhorias na categoria de trabalho, as atividades continuam sendo realizadas em condições adversas e precárias, e muitas vezes sem ganhos significativos para o sustento das famílias que têm nessa atividade a base de seu sustento. Segundo Camila Paiva (2016), o alto índice de desemprego alcançado nos anos 1990 fez crescer de forma acentuada o trabalho não assalariado e distintas modalidades de trabalho informal. Muitas pessoas que passaram por essa precarização do trabalho foram excluídas e, desempregadas, passaram a coletar resíduos para vender e tentar sobreviver.

Para Rosane Borges (2023), a sobrevivência por meio da catação de materiais recicláveis do lixo demonstra a desigualdade social no Brasil. Além da exclusão social, o trabalho com o lixo reciclável é estigmatizado e resulta em preconceito contra os trabalhadores. Segundo Rita Mendes (2009, p. 17) “a visão de que o lixo significa o

dispensável, a imundice, a sujidade, o que não se quer mais, o que deixa um local feio, mal cheiroso e contaminado é transferido como adjetivos para as pessoas que trabalham nessa ocupação [...]”. Muitos catadores trabalham informalmente e de modo autônomo, enquanto outros se uniram em associações ou cooperativas com a proposta de melhorar as condições de vida e trabalho.

Camila Paiva (2016) afirma que cerca de 10% da população de catadores do Brasil decidiu se organizar coletivamente em cooperativas ou associações de catadores.

As cooperativas surgem como meio de organização coletiva diante da divisão do trabalho nos lixões abertos de todo o país. É uma possibilidade de mudar a forma de descarte, reaproveitamento e reutilização do lixo a partir do envolvimento e da conscientização de todos os indivíduos neste processo, tornando-o, assim, um debate público e de todos (MARTINS *et. al*, 2016).

O Cooperativismo surge a partir do momento em que as pessoas percebem que se elas unirem forças conseguem produzir mais do que produziriam individualmente. O cooperativismo foi idealizado por vários precursores (SALES, 2010), e surgiu de fato em 1844 em meio ao regime de economia liberal, com a fundação da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale, em Manchester na Inglaterra, associação que, mais tarde, seria chamada de Cooperativa. Nesse período, o cenário era de pobreza e exploração do trabalho, o trabalhador era submetido a uma jornada de 17 horas diárias, passava fome e não tinha nenhum benefício social. Era um mundo de desemprego e miséria resultante da implantação do modo de produção capitalista. Notamos que essa realidade ainda é presente nos dias atuais, o que faz com que novas cooperativas se consolidem como forma de trazer melhorias para a vida das pessoas, como as cooperativas de reciclagem em que as mulheres se organizaram.

O sofrimento da classe trabalhadora fez surgir a necessidade de organização das cooperativas, para que pudessem lutar contra a miséria que se instalava. Queriam lutar contra as desigualdades provocadas pela exploração da mão-de-obra, e podemos perceber que hoje é uma forma de inclusão social, em que um grupo de pessoas unidas pela cooperação mútua, gerem seu negócio de forma democrática e participativa, e tem objetivos econômicos e sociais comuns. Aqui percebemos a economia solidária como alicerce desse movimento, através da inclusão de pessoas exploradas e/ou excluídas, buscando oferecer mais qualidade e valorização dos serviços para os seus cooperados, gerando trabalho e renda, e cuidando assim dos trabalhadores, suas

famílias e comunidades.

Porém, no Brasil, a atenção dada ao lixo e aos lixões começou a ser maior somente a partir de 1970, por causa da nocividade dos resíduos depositados nos lixões, e cerca de 40 anos depois, o Brasil aprovou a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) (Lei Federal nº 12.305/10) cujo objetivo era melhorar a gestão de resíduos no país e a elaboração dos planos de saneamento estaduais e municipais, plano de gerenciamento de resíduos sólidos (PGRS) e a inclusão social e produtiva dos catadores de materiais recicláveis. Somente em 2002 a atividade dos catadores foi reconhecida como profissão pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) e regulamentada pelo Ministério do Trabalho e Emprego.

Por causa da precariedade do trabalho, os catadores passam a se organizar de forma coletiva tanto para ter mais representação política quanto por questões econômicas – produtivas com o intuito de conquistar reconhecimento social e direitos de cidadania. Assim passaram a se organizar em associações e/ou cooperativas, iniciando um trabalho coletivo (MARCHAUL, 2021).

Conforme Taís Freitas e Miriam Nobre (2012), muitas mulheres passam a trabalhar em cooperativas de reciclagem por estarem desempregadas ou não terem outras possibilidades de emprego. Já Luciana Silva (2014) comenta que o percentual de mulheres em empreendimentos econômicos solidários, até 2014, era de 56% do total, sendo a maioria delas responsável pelo sustento da família: em 51% dos casos, a catação era a única fonte de renda familiar, o que demonstra o quanto o trabalho como catadora foi se tornando não uma renda complementar, mas sim a base de sustento de muitas famílias.

Joaquim Vasconcelos (2020) afirma também que o trabalho nas cooperativas é a única alternativa de subsistência de mulheres excluídas do trabalho formal (principalmente mulheres pobres e não brancas), permanecendo em situação de extrema pobreza e estigmatizadas por sobreviverem dos restos descartados pela sociedade de consumo. Segundo Camila Paiva (2016), as mulheres são as mais atingidas pelo desemprego e submetidas ao trabalho precário e informal, as cooperativas de catadores de materiais recicláveis oferecem uma oportunidade de acesso ao trabalho e à renda, garantindo o sustento e até mesmo a inclusão social de milhares de mulheres.

Em Foz do Iguaçu, o Plano Municipal de Saneamento Básico do município (2012) relata que existia coleta de lixo já na década de 60, e que nesse período o lixo era destinado a uma área localizada no Bairro Arroio Dourado, com 145.981,94m<sup>2</sup>,

e que teve sua atividade encerrada em 1992. A partir desse mesmo ano, o lixo foi destinado à área do aterro controlado no bairro Porto Belo. Somente em 1997 iniciou-se a adequação do espaço para aterro sanitário, que teve seu licenciamento ambiental somente em 2001.

Para Liliane Micheul (2021), pelo fato da cidade de Foz do Iguaçu ser fronteiriça, e ter passado por vários ciclos econômicos, foi reconhecida durante muito tempo como tendo grande potencial empregatício, atraindo pessoas de vários lugares, o que aumentou significativamente e de forma bastante acelerada a população da cidade. Porém, grande parte dessas pessoas não conseguia se efetivar em um emprego formal, levando a busca pela sobrevivência em trabalhos informais. Dentre as atividades exercidas, a catação de materiais recicláveis era uma das possibilidades.

Em 2001 foi realizado um levantamento que demonstrou que 648 famílias retiravam do lixo seu sustento (com mais de um membro trabalhando na coleta, incluindo crianças), além de aproximadamente 850 carrinheiros<sup>1</sup> que realizavam a coleta de recicláveis porta a porta nas residências e comércio nas regiões do município, e cerca de 40 famílias que faziam a retirada de material diretamente do lixão municipal que ficava localizado no Bairro Porto Belo (MICHEUL, 2021).

Também em 2001, iniciou-se a readequação do aterro sendo necessário a organização dos catadores de materiais recicláveis que atuavam no local, que passaram a integrar a Cooperativa dos Catadores Nova Califórnia - COCAN (em 2003 passou a ser denominada Cooperativa dos Agentes Ambientais de Foz do Iguaçu - COAAFI). Através de um regime de comodato, a Cooperativa recebeu da Prefeitura a cessão de uso de um barracão de 1.350m<sup>2</sup> construído nas dependências do Aterro Sanitário Municipal para que os catadores pudessem fazer a triagem dos materiais coletados, assim poderiam fazer a negociação, comercialização e divisão da receita entre os cooperados, sob a responsabilidade do conselho administrativo da Cooperativa.

Em 2002, a nova publicação da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) passou a considerar a atividade de catador de materiais recicláveis como profissão (Registro nº 5192-05) reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego. E em 2005, sob nova administração municipal, o programa coleta seletiva de resíduos sólidos recicláveis passou por fase de reestruturação. Os materiais chegavam até os centros de triagem por intermédio de caminhões específicos para a coleta de resíduos recicláveis, recolhidos pela concessionária de serviço público no município que retirava materiais nas

---

<sup>1</sup> Catadores de lixo reciclável informais que utilizam carrinhos para coletar o material reciclável pelas ruas da cidade.

empresas e instituições de grande geração de resíduos e as ações de coleta seletiva foram ampliadas para o modelo porta a porta. Nesse mesmo ano a COAAFI possuía 9 centros de triagem repassados pelo município por cessão de uso. Neles atuavam 132 cooperados (MICHEUL, 2021).

O Programa Coleta Seletiva de Foz do Iguaçu passou por uma reestruturação, e o Programa Municipal de Gestão Integrada de Recicláveis, coordenado pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, começou em junho de 2018, considerando a coleta como serviço essencial à população e que resulta na redução de toneladas de materiais destinados ao aterro sanitário, além de aumentar a geração de renda das catadoras e catadores integrados ao programa. Até esse momento existiam 7 centros de triagem em funcionamento.

Em paralelo ao movimento de institucionalizar a coleta seletiva com catadores remunerados, iniciou-se também o trabalho de reformar/ampliar e construir unidades mais adequadas, já que os centros de triagem tinham estruturas precárias, devido há anos de abandono, necessitavam de adequações para atender normas trabalhistas e ambientais e para obterem licenciamento ambiental e assim melhorar as condições de trabalho e renda dos catadores.

Em novembro de 2021 foi lançado novo edital<sup>2</sup> para o credenciamento de associações e cooperativas de catadores para prestação de serviços para o Programa de Coleta Seletiva do Município, com pagamento por tonelada, além dos valores para contratação de motorista e auxiliar administrativo e recursos para manutenção da unidade de valorização de resíduos - UVR, dos equipamentos e para produção de materiais informativos. O edital previa o credenciamento de cooperativas para sete lotes, representados pelas unidades de valorização de recicláveis aptas para o recebimento e triagem dos resíduos. Desta forma, a COAAFI passou a ser constituída por três unidades de valorização de resíduos, enquanto as outras unidades se tornaram cooperativas isoladas.

Atualmente estão finalizadas e operando as seguintes unidades, como mostradas no mapa a seguir:

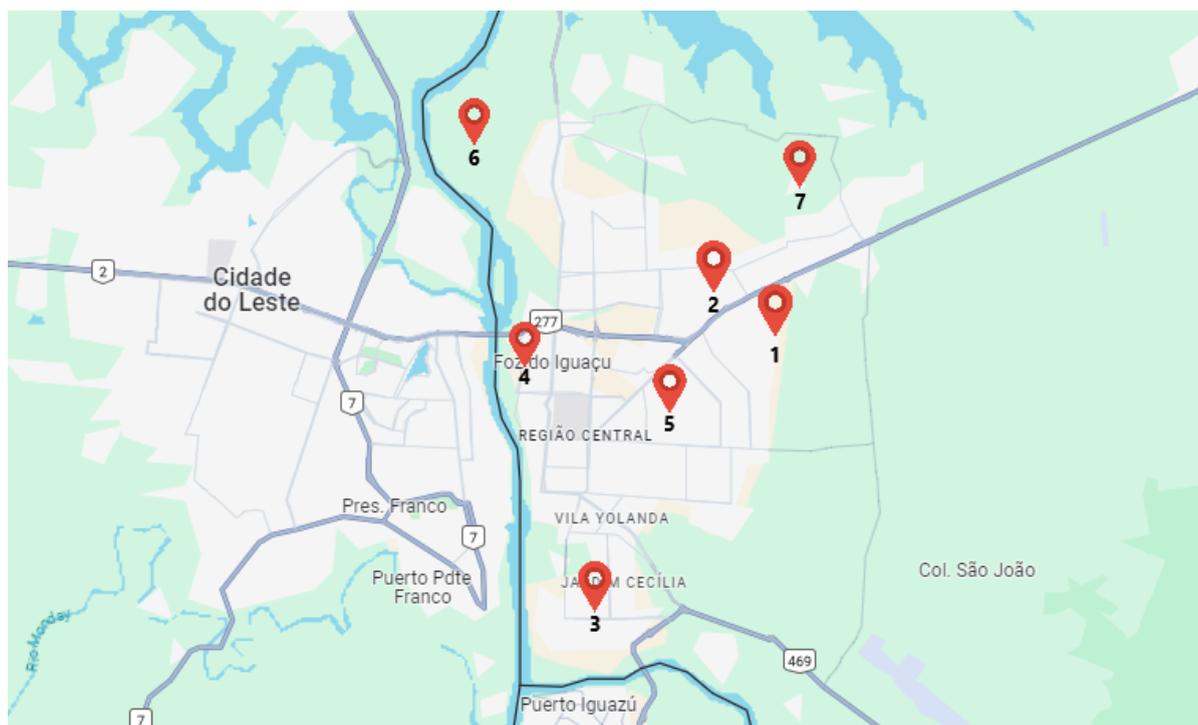
1. Unidade Rosana Lemos - Bairro Morumbi,
2. Unidade Manoel da Silva - Bairro Palmeiras
3. Unidade Geraldo Sálvio de Paula –Bairro Porto Meira

---

<sup>2</sup> Para visualização e impressão deste edital, acesse o site [www.pmfi.pr.gov.br](http://www.pmfi.pr.gov.br) clique em licitações, pesquisa de editais, Entidade Governamental, Modalidade: Chamada/Chamamento Público - Licitação nº 001, ano 2021.

4. Unidade Graciela M. B de Oliveira – Bairro Portes
5. Unidade Tereza Signori – Bairro Campos do Iguaçu
6. Unidade Custódio Emídio da Silva – Bairro Porto Belo
7. Unidade Pedro Colombelli – Bairro Três Lagoas

**Imagem 1. Localização das Unidades de Valorização de Resíduos de Foz do Iguaçu**



Fonte: Elaboração da autora<sup>3</sup>.

Atualmente, o município de Foz do Iguaçu conta com essas sete unidades de valorização de resíduos, e há previsão para ampliar em duas outras unidades até o final do ano de 2024.

### 3.1 MAPEAMENTO

Para o início dessa pesquisa foram realizados os primeiros contatos com as unidades de reciclagem de Foz do Iguaçu, que se deram através de reuniões da secretaria do meio ambiente em parceria com a universidade e outros órgãos que atuam no município e com a elaboração do projeto de extensão. Uma reunião de adesão foi realizada com as representantes de todas as unidades de valorização de resíduos, em

<sup>3</sup> Mapa com os endereços: <https://maps.app.goo.gl/iZLxT1tdeap248Yo9>

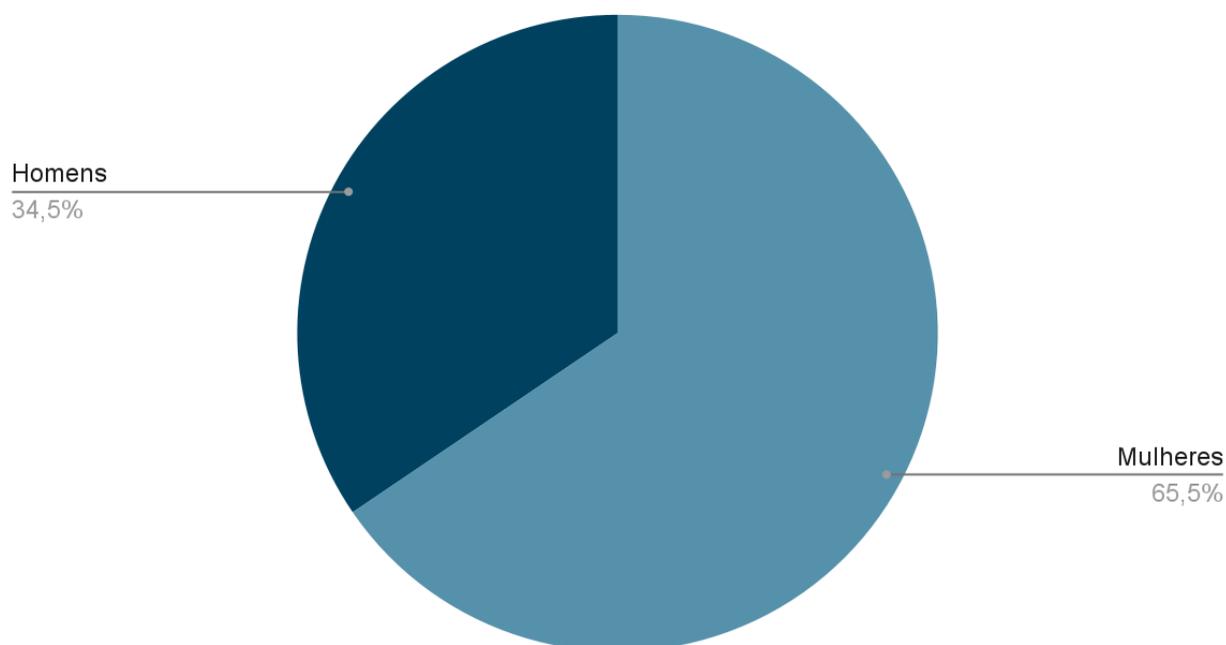
que o projeto de extensão foi apresentado e a participação voluntária das unidades foi estabelecida.

Foi realizado um mapeamento das mulheres catadoras nessas sete unidades de reciclagem, através de um questionário estruturado elaborado pelas participantes do projeto Mulheres Catadoras: pedagogia cartonera para o empoderamento, e que foi enviado às unidades de valorização de resíduos em dezembro de 2022, por e-mail. Seis unidades responderam o questionário e a análise inicial foi feita a partir desses dados.

Analisou-se que o número total de catadores registrados em seis unidades de Foz do Iguaçu era de 113, sendo que destes 74 eram mulheres e 39 homens.

O gráfico a seguir mostra a porcentagem de mulheres e homens trabalhando como catadores nas cooperativas de Foz do Iguaçu:

**Gráfico 1. Porcentagem de mulheres e homens catadores**



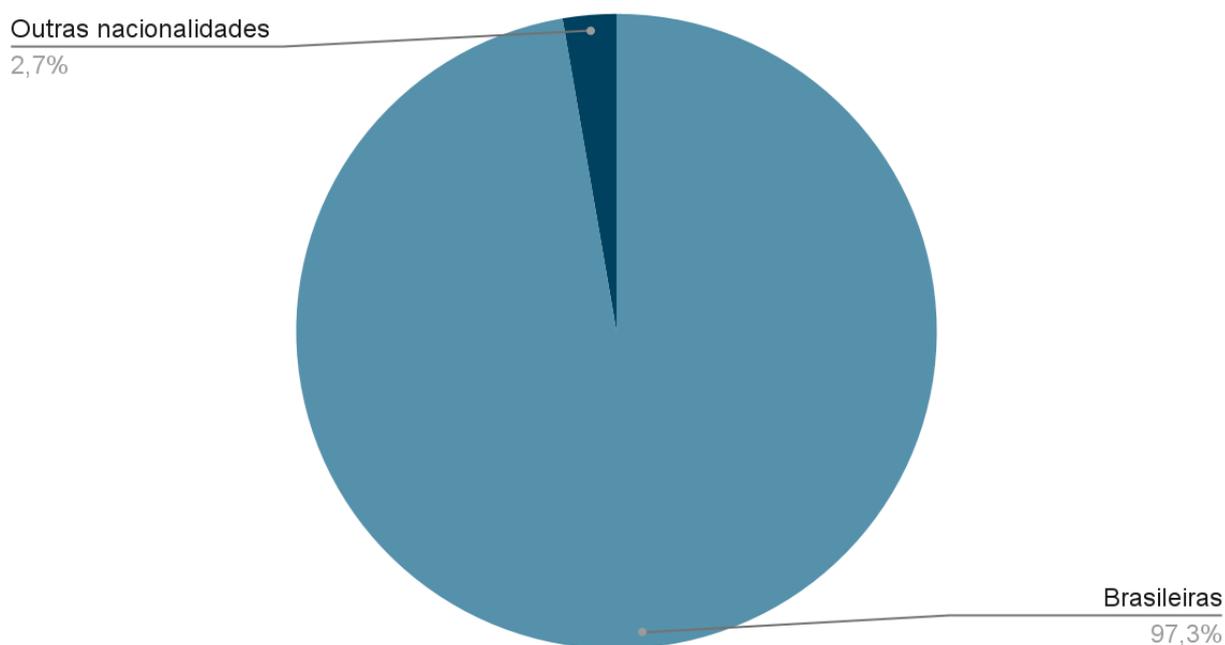
Fonte: Elaboração da autora (2023).

A pesquisa confirma o que o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis vem mostrando: entre as cooperativas e organizações de catadores, cerca de 70% é composta por mulheres. De modo geral, há mais mulheres do que

homens trabalhando como catadores nas cooperativas de Foz do Iguaçu, e somente em uma unidade o número de mulheres é menor do que o número de homens (nesta, 42% eram mulheres). Ainda, o número de mulheres nos cargos de coordenação e administração também era maior entre todas as cooperativas, sendo que em seis unidades, cinco tinham mulheres como diretoras/coordenadoras.

Um dos questionamentos era em relação à nacionalidade das mulheres catadoras, considerando o município uma área de fronteira em que haveria a possibilidade de algumas mulheres não serem brasileiras pois, como comentado anteriormente, com o crescimento da cidade, pessoas de diversos lugares passaram a residir em Foz, e também por ser uma região de fronteira com Argentina e Paraguai, muitas pessoas passaram a trabalhar ou residir na cidade. Conforme as informações coletadas, somente duas mulheres declararam não serem brasileiras.

**Gráfico 2: Nacionalidade das mulheres catadoras**



Fonte: Elaboração da autora (2023).

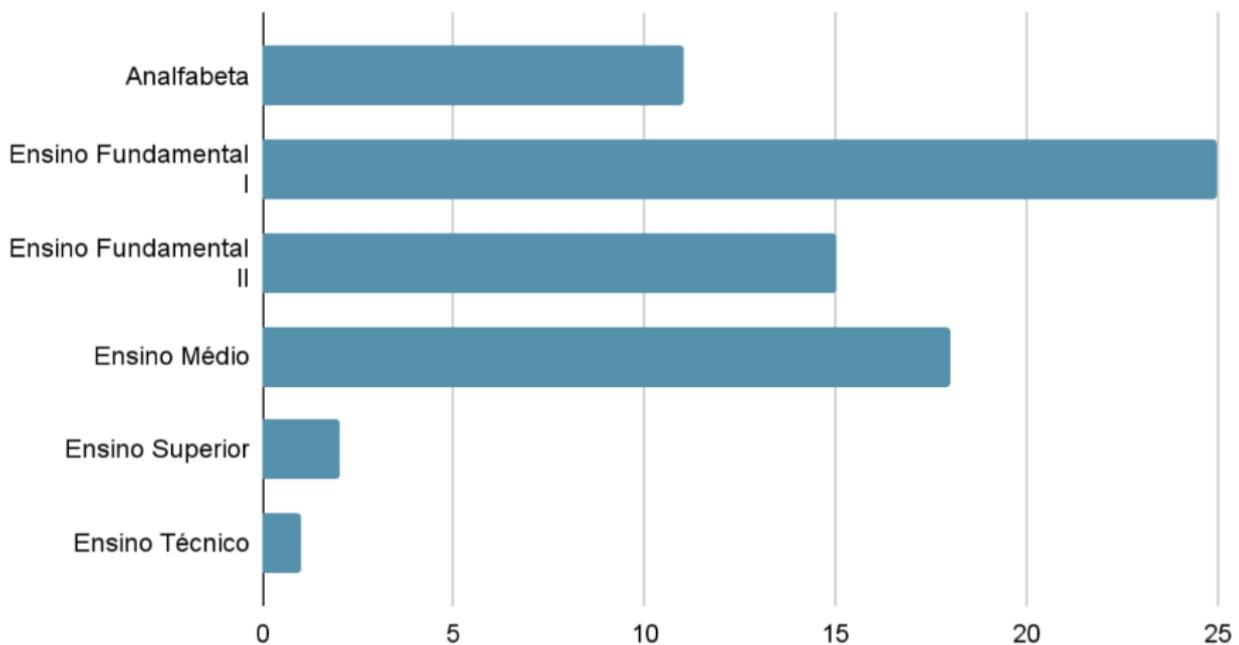
Segundo Camila Paiva (2016, p. 158) existe uma relação direta entre a precarização do trabalho e o crescimento do número de mulheres nas cooperativas e associações de catadores, e tal relação pode ser explicada pelo baixo grau de escolaridade dessas mulheres, pela falta de oportunidades de emprego formal, assim

como pela flexibilidade das regras de trabalho existente nas cooperativas, que tende a se adequar melhor ao peso que as atividades reprodutivas têm em suas vidas.

Porém, ao investigar a escolaridade das mulheres notou-se que a maioria possui o ensino fundamental I (1° ao 5° ano), cerca de onze mulheres eram analfabetas, e em relação a outros níveis de estudo, duas mulheres possuíam Ensino Superior e uma Ensino Técnico.

O gráfico a seguir traz um panorama inicial sobre a escolaridade:

**Gráfico 3. Escolaridade das mulheres catadoras**



Fonte: Elaboração da autora (2023).

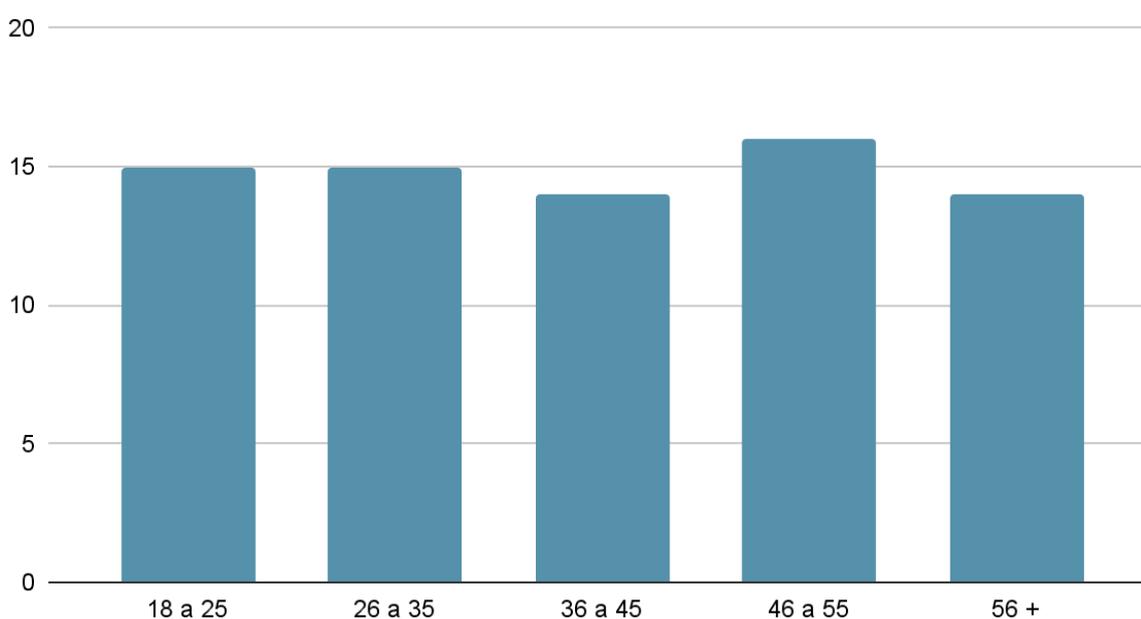
Nota-se que mulheres com ensino médio, técnico e superior também estão presentes no trabalho de catação, o que parece ser uma oportunidade encontrada em meio às dificuldades de inserção no mercado de trabalho e que produz o desemprego em massa, mesmo com qualificação. Então, não somente a baixa escolaridade seria um fator que insere as mulheres no trabalho como catadoras, como afirma Camila Paiva (2016), mas um contexto econômico que impõe esse trabalho também como uma necessidade independente do grau de formação dessas mulheres.

A faixa etária das catadoras também apresentou relevância, já que percebemos a presença de diferentes gerações trabalhando nas cooperativas, ou seja,

mulheres de diferentes idades. Aqui nota-se a presença até mesmo de familiares, por exemplo, mães, filhas, tias... e nesse contexto as relações de trabalho se intensificam, já que se inserem como participantes coletivas no processo de trabalho, mas que também extrapola o âmbito laboral, mantendo essas relações, muitas vezes também no âmbito pessoal.

As idades foram coletadas a partir de faixa etária de dez anos, considerando mulheres maiores de 18 anos.

**Gráfico 4. Faixa etária das mulheres catadoras**



Fonte: Elaboração da autora (2023).

Há mulheres de todas as idades trabalhando como catadoras em Foz do Iguaçu, incluindo um alto número de mulheres em idade avançada. A ausência de aposentadoria ou até mesmo a perspectiva de alcançar uma, faz com que muitas mulheres continuem trabalhando mesmo após os 60 anos. Também há mulheres mais jovens, entre 18 a 25 anos, período em que muitas estariam em um curso superior, mas que também estão trabalhando na cooperativa de reciclagem.

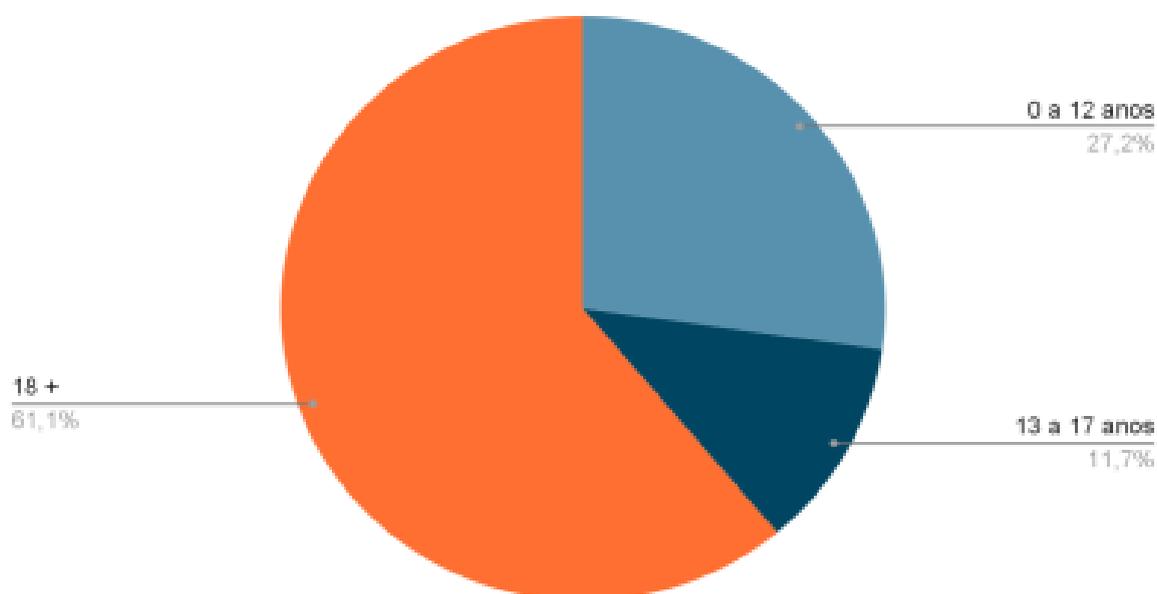
Com distintas idades e níveis de escolaridade, essa é uma categoria de trabalho em que as mulheres encontraram subsídios para manter o sustento de suas famílias, visto que há uma grande demanda para a coleta seletiva devido ao excesso de produção do capital. Muitas delas já trabalhavam como catadoras antes da estruturação

das cooperativas, enquanto outras iniciaram a partir da sua inauguração em 2021, (período econômico e político brasileiro em que muitas pessoas ficaram desempregadas (pós-pandemia 2021 e posteriormente) e precisaram também buscar novas fontes de renda).

Além disso, apenas duas mulheres relataram possuir outra fonte de renda além da cooperativa, uma delas trabalhando com serviços gerais na rede hoteleira e a outra como manicure, ambas realizavam as atividades aos fins de semana, sendo o trabalho como catadora a única renda da maioria das mulheres.

Em relação aos filhos, os dados coletados inicialmente somente apresentam as distintas faixas etárias, sendo que não foram respondidos no questionário a quantidade de filhos de cada mulher. As idades dos filhos eram de 1 a 46 anos, e cinco destes eram portadores de necessidades especiais. A maioria dos filhos são maiores de idade, o que pode significar que muitas delas tiveram filhos cedo. O gráfico apresenta uma perspectiva sobre a idade dos filhos:

**Gráfico 5. Faixa etária dos filhos**



Fonte: Elaboração da autora (2023).

A realidade de muitas mulheres brasileiras se resume em buscar formas de sustento para si e suas famílias. A catação de materiais recicláveis é uma dessas possibilidades, já que o lixo se tornou cada vez mais produzido no modo de consumo capitalista e a partir dele seus resíduos precisavam de manejo, para isso a destinação dos resíduos precisavam ficar a cargo de alguém. Conforme Paul Singer (2002), a coleta

seletiva, além de contribuir significativamente para a sustentabilidade urbana, vem incorporando gradativamente um perfil de inclusão social e geração de renda para os setores mais carentes e excluídos do acesso aos mercados formais de trabalho.

Percebe-se que a maioria das trabalhadoras das cooperativas de reciclagem são mulheres que não possuem outra renda além da cooperativa, e que possuem distintas faixas etárias, além de terem filhos (a maioria já maiores de idade) e diferentes níveis de escolaridade.

O protagonismo das mulheres na coleta seletiva demonstra como as mulheres continuam atuando em empregos menos valorizados, mas que encontram nesse trabalho novos meios de significarem a busca por subsistência. Além disso, a forma de trabalho na cooperativa permite que elas se organizem e tenham mais garantia de que terão uma renda, além de encontrarem na cooperativa mais segurança e a possibilidade de mais qualidade de trabalho e, conseqüentemente, melhoria de vida. Os vínculos estabelecidos pelo trabalho na cooperativa também contribuem para que elas se sintam mais fortes, e até insiram outros membros das suas famílias na atividade de catação.

### 3.2 UNIDADE DE VALORIZAÇÃO DE RESÍDUOS GERALDO SÁLVIO DE PAULA

Após o mapeamento inicial, com o panorama geral das unidades de coleta seletiva do município, uma dessas unidades foi selecionada para fazer parte da pesquisa. Essa seleção se deu dentro do projeto de extensão Mulheres cartoneras, pois outras participantes também atuariam em outras unidades de valorização de resíduos com as atividades do projeto, ficando à escolha de cada integrante optar por uma das unidades. Deste modo, a unidade escolhida para a minha pesquisa foi a Unidade de Valorização de Recicláveis Geraldo Sálvio de Paula, localizada na Rua Cascudo, nº 352, Porto Meira.

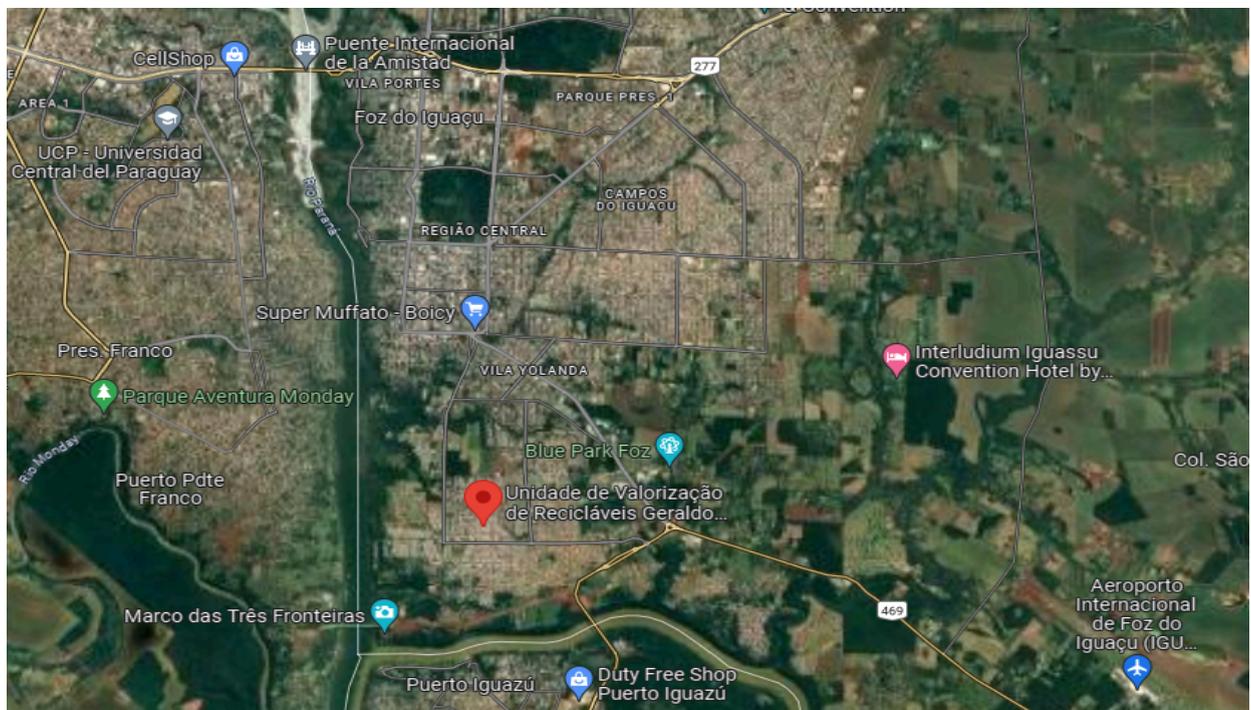
O bairro Porto Meira é uma região localizada à margem do rio Iguaçu e tem uma população aproximada de 38.000 habitantes, sendo um bairro com grande diversidade de estabelecimentos comerciais e que tem se tornado um bairro bastante visitado por turistas. Perto da unidade está localizada a Comunidade do Bubas, considerada a maior ocupação do Paraná, com mais de 2 mil famílias residentes. Muitas mulheres que trabalham na cooperativa são também moradoras na ocupação Bubas e se conhecem da comunidade.

**Imagem 2. Unidade de Valorização de Resíduos Geraldo Sálvio de Paula**



Fonte: Google Maps (2023).

**Imagem 3. Localização via satélite da Unidade de Valorização de Recicláveis Geraldo Sálvio de Paula**



Fonte: GOOGLE MAPS (2023)<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Disponível em: [Unidade de Valorização de Recicláveis Geraldo Sálvio de Paula](#) (Acesso em: 25 mai 2023).

A Unidade recebeu o nome de Geraldo Sálvio de Paula por escolha da própria comunidade a partir de nomes de pessoas que desenvolveram ações socioambientais na área de abrangência da unidade, e por meio de indicações feitas por instituições locais. O nome foi indicado pela Cooperativa de Agentes Ambientais de Foz do Iguaçu – COAAFI.

Nascido em 1961 em Peçanha (MG), Geraldo Sálvio de Paula chegou a Foz do Iguaçu ainda jovem, era conhecido como Pastor Geraldo e morou na região do antigo Profilurb II por 39 anos. Ele se tornou presidente da Associação do Bairro e atuou em diversas frentes em benefício dos mais necessitados, dialogando com secretários e prefeitos, e representando os moradores. Fez parte da história da primeira cooperativa de catadores de materiais recicláveis do bairro, onde atuou na construção do barracão de reciclagem que ficava neste mesmo local. Faleceu em 22 de novembro de 2018 aos 57 anos.

A Cooperativa foi inaugurada no dia 21 de dezembro de 2021, no antigo barracão de reciclagem. Além da parte física, a unidade recebeu equipamentos para a mecanização para o processo de segregação e armazenagem dos materiais provenientes da coleta seletiva porta a porta, a unidade foi iniciada visando maior produtividade e dignidade dos trabalhadores, possibilitando mais renda e melhores condições de trabalho. Com a reforma e ampliação do antigo barracão de reciclagem, agora a unidade possui área de triagem e armazenagem de resíduos, área administrativa, cozinha, lavanderia e banheiros<sup>5</sup>.

Ao entrar na unidade há a sala da diretora, a sala de convivência e a cozinha. Em seguida, os banheiros e o barracão onde acontece a seleção dos resíduos e armazenagem, com os maquinários. Para entrar no barracão também há um portão por onde os caminhões entram e depositam o lixo recolhido das ruas. Dentro do barracão encontra-se a esteira de seleção dos reciclados, os bags (sacos grandes) para separação de cada material, o triturador no fim da esteira de seleção e a prensa do material reciclado. Cada catadora tem seu lugar na esteira, enquanto os homens ficam responsáveis por auxiliar os caminhões, ou então trabalhar na prensa, por ser um trabalho mais pesado.

Segundo A.<sup>6</sup>, atual técnica responsável pela Unidade, com a inauguração

---

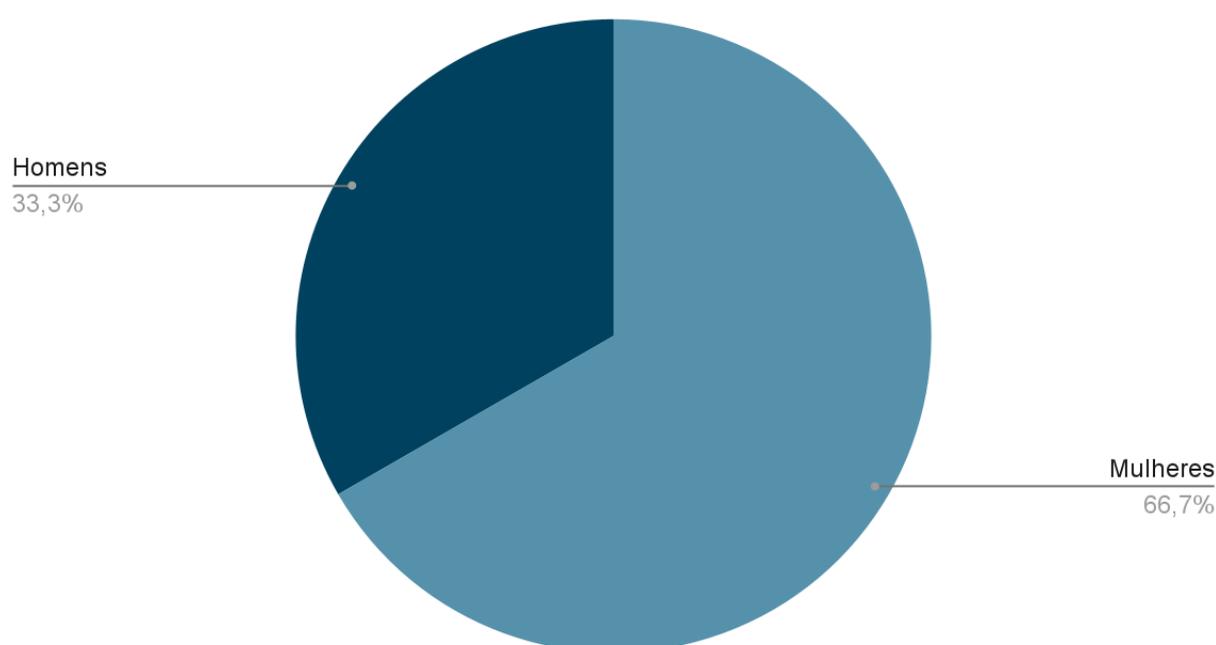
<sup>5</sup> Fonte: O PARANÁ, 2021. Disponível em: <https://oparana.com.br/noticia/prefeitura-de-foz-entrega-duas-novas-unidades-de-valorizacao-de-reciclaveis-uvr/> (Acesso em: 28 mai 2023).

<sup>6</sup> Os nomes das participantes desta pesquisa serão omitidos neste trabalho e substituídos por números ou letras.

da Unidade de Valorização de Resíduos, o regime de trabalho passou a ser o de Cooperativismo. Portanto, não há vínculo empregatício com base na CLT, a relação da empresa com os cooperados é regida pelo estatuto social e as trabalhadoras são Cooperadas.

Durante o período da pesquisa<sup>7</sup>, na unidade trabalhavam 12 mulheres catadoras, uma diretora e 6 homens catadores. Assim como no contexto geral das cooperativas em Foz do Iguaçu, as mulheres também eram maioria nesta unidade:

**Gráfico 6. Porcentagem de mulheres catadoras na UVR Geraldo Sálvio de Paula**

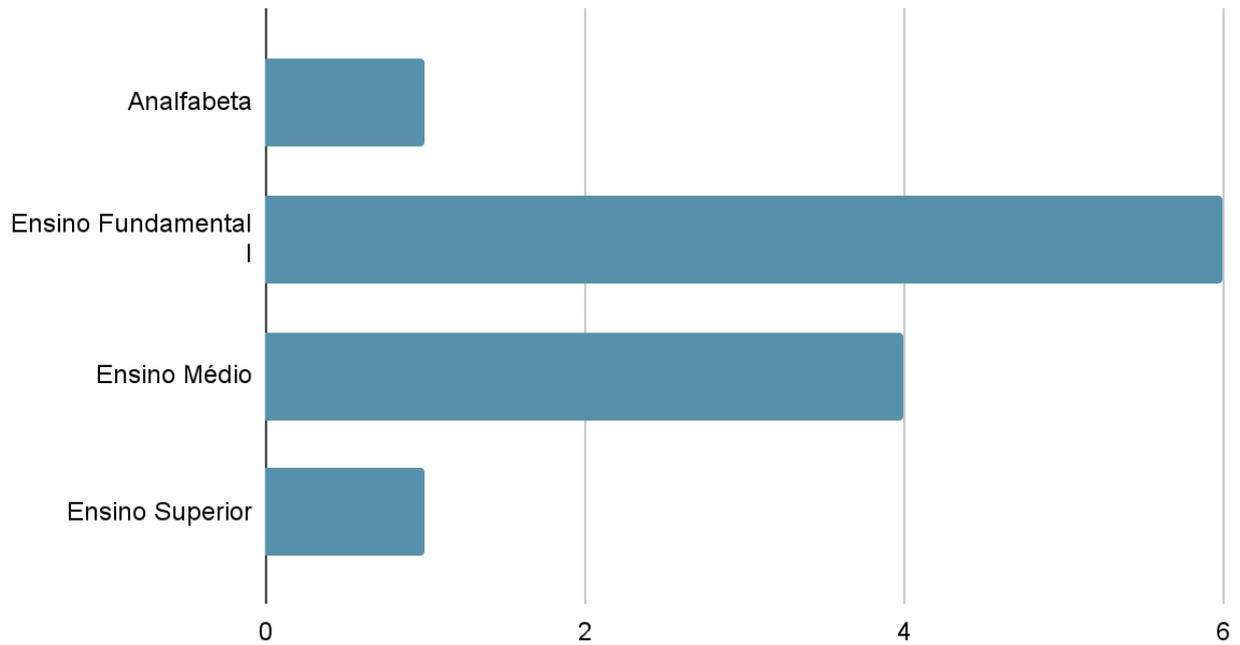


Fonte: Elaboração da autora (2023).

Assim como a diretora, a maioria das trabalhadoras são mulheres e atuam diretamente auxiliando na administração da unidade e na limpeza. O recorte aqui se assemelha aos dados nacionais em relação à porcentagem de mulheres catadoras (cerca de 70%).

Em relação à escolaridade, nessa unidade uma das catadoras era analfabeta, seis tinham concluído o ensino fundamental I, quatro concluíram o ensino médio e uma tinha curso superior.

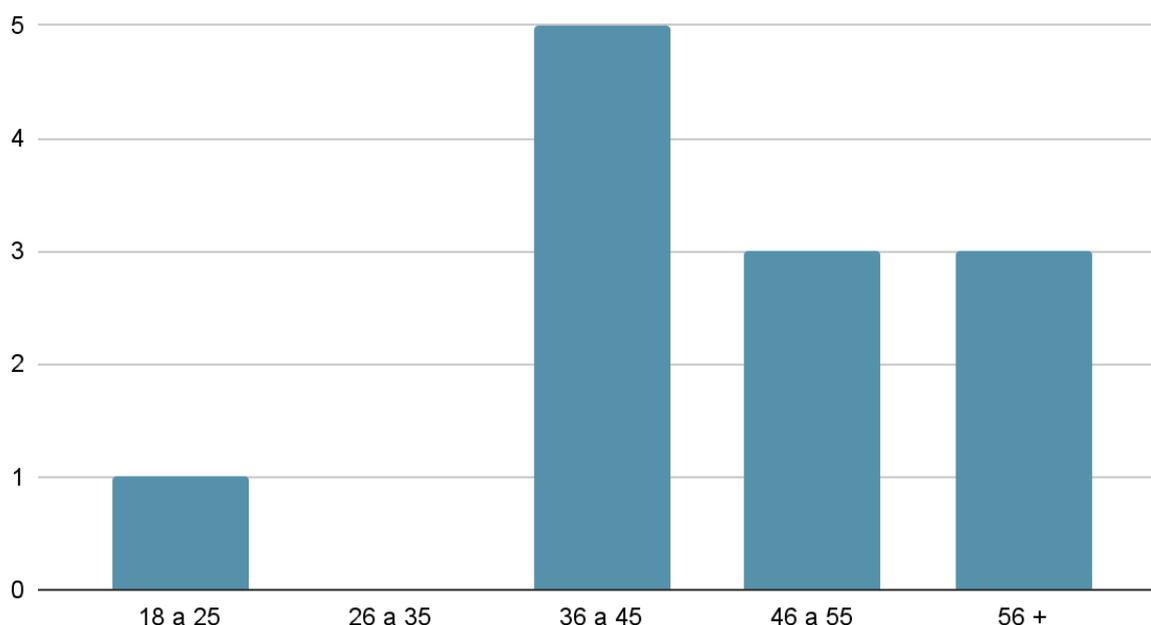
<sup>7</sup> De dezembro de 2022 a agosto de 2023.

**Gráfico 7. Escolaridade - UVR Geraldo Sálvio de Paula**

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Novamente a escolaridade se assemelha ao contexto municipal, mulheres analfabetas e também com curso superior trabalham nas cooperativas.

Porém, diferente do contexto geral, em que mulheres de distintas faixas etárias estavam presentes, apenas uma catadora tinha menos de 25 anos, enquanto a maioria era de até 45 anos. A cooperativa integra mulheres de diferentes gerações, independente da idade, ou até mesmo da relação familiar, tendo irmãs trabalhando juntas na unidade.

**Gráfico 8. Faixa etária - UVR Geraldo Sálvio de Paula**

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Além disso, apenas uma catadora relatou possuir outro emprego além da cooperativa, trabalhando em serviços gerais da rede hoteleira nos fins de semana como forma de gerar renda extra (a região do Porto Meira possui diversos comércios e hotéis que oferecem diferentes formas de trabalho). Porém, como relatado, o trabalho como catadora se mantém como principal fonte de renda para as mulheres dessa unidade de reciclagem.

Percebe-se que a realidade da cooperativa é um recorte da visão geral das unidades de reciclagem do município, em relação à quantidade de mulheres também ser maior do que de homens, a escolaridade também inclui catadoras sem vivência escolar, mas também catadoras com curso superior. A realidade tanto nacional como municipal demonstra que as mulheres estão inseridas na categoria de trabalho em número muito maior, e isso independe da sua idade ou escolaridade.

Sabemos que realidades subjetivas são sempre únicas, embora possam se relacionar em um contexto mais geral. Percebe-se, por exemplo, que existe uma semelhança objetiva e quantitativa na realidade das unidades de valorização de resíduos do município, sendo a maioria mulheres trabalhando como catadoras, além dos níveis de escolaridade e faixa etária abrangentes. Porém, para além de dados quantitativos, é

importante um olhar mais subjetivo para conhecer a realidade das mulheres catadoras, a partir da escuta e do acolhimento de suas histórias pessoais e coletivas a pesquisa buscou compreender como se davam as dinâmicas de trabalho e nas relações interpessoais das catadoras, como é apresentado em sequência.

### 3.3 ELABORAÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS

Para realizar a pesquisa com as mulheres catadoras de materiais recicláveis, optou-se por uma pesquisa qualitativa em que foram elaborados alguns encontros visando trabalhar temáticas que pudessem compreender de modo dinâmico suas realidades, refletindo o trabalho na cooperativa e seus desafios, além de questões de gênero no ambiente de trabalho e em seus lares.

Segundo Maria Minayo (2006), a pesquisa qualitativa tem como objetivo investigar o social considerando os níveis mais profundos das relações sociais. Para ela, a pesquisa é o caminho para compreender a totalidade. A pesquisa qualitativa visa:

Compreender a lógica interna de grupos, instituições e atores quanto a: (a) valores culturais e representações sobre sua história e temas específicos; (b) relações entre indivíduos, instituições e movimentos sociais; (c) processos históricos, sociais e de implementação de políticas públicas e sociais” (MINAYO, 2006, p. 23).

Além disso, optou-se por realizar grupos focais que, conforme Camila Borges e Manoel dos Santos (2005), é uma prática bastante utilizada entre os pesquisadores, tanto da área da saúde como da educação. Essa técnica é uma entre várias modalidades de entrevistas grupais ou grupos de discussão, e podem possuir diferentes enfoques e técnicas de condução. Segundo elas, o recrutamento dos participantes ocorre em função do grupo social a ser estudado, devendo abranger sua variabilidade (por exemplo, mulheres e catadoras).

O roteiro de entrevista contém em suas questões os temas-chave a serem investigados. A sequência dos temas é normalmente ordenada, primeiramente, por questões gerais e, em seguida, por questões específicas. Tal ordenação permite que os elementos essenciais apareçam de forma mais natural. A preparação desse roteiro exige a análise cuidadosa dos objetivos da investigação (BORGES; SANTOS; 2005, p.76).

A seleção dos participantes é feita conforme alguns critérios, que condizem com o problema de pesquisa, de modo que possuam características em comum, ou seja, devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, para que possam contribuir com elementos presentes em suas experiências cotidianas (GATTI, 2005). A pesquisa com grupos focais permite também alcançar diferentes perspectivas de uma mesma questão, além de conceber processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, atitudes e comportamentos prevalentes no trabalho, por exemplo, e que são relevantes para o estudo e investigação em questão (LOPES, 2014, p. 485).

Segundo Esther Madriz (2000), é uma forma de revelar as experiências cotidianas das mulheres, por estarem em um grupo somente de mulheres como na pesquisa, elas conseguem validar seus relatos e experiências, além de minimizar o controle que a pesquisadora tem sobre as participantes. É uma técnica importante para dar voz a grupos invisibilizados, que não possuem espaço para o diálogo, podendo assim, expressar suas percepções.

As temáticas debatidas nos encontros foram elaboradas em conjunto com o Projeto Mulheres Catadoras e também a partir da formação complementar Ciclo de Formação de Formadoras em Gênero e Economia Social, também ofertado pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana, elaborado e ministrado pela Professora Doutora Silvia Lilian Ferro, em que as integrantes do projeto de extensão puderam participar. Essa formação foi importante para reiterar a relevância do trabalho com as catadoras e para ampliar os olhares sobre a atividade realizada por elas, assim como das suas individualidades e inserção nessa categoria de trabalho. Contribuiu para pensar as catadoras como participantes indispensáveis na economia solidária e na concepção de cooperativismo, além de ter dado suporte na elaboração de questionamentos a serem refletidos a partir das suas narrativas.

A partir disso, as temáticas desenvolvidas trouxeram o olhar para o cotidiano das mulheres catadoras no ambiente de trabalho, em seus lares, nas relações sociais e familiares, além de tratar os desafios da categoria de trabalho, e também representações e performances do feminino presentes na sociedade. Considerando a importância dessas temáticas para se trabalhar com as mulheres, puderam ser elaboradas as rodas de conversa para que esses temas fossem debatidos.

O primeiro contato da pesquisadora com a unidade de reciclagem foi com a diretora da unidade para o agendamento dos encontros e organização dos grupos. O

primeiro encontro serviu para iniciar o contato entre pesquisadora e grupo, para conhecer a unidade e apresentar o projeto.

Uma das dificuldades encontradas nesse processo de planejamento foi encontrar horários em que as mulheres estivessem disponíveis durante o período de trabalho para participar dos encontros. Como o trabalho na cooperativa é constante, parar a esteira de seleção é parar o fluxo de reciclagem que lhes proporciona o salário no fim do mês. Então, em conjunto com a diretora e as catadoras, foi organizado um cronograma em que seriam realizados quatro encontros conforme a disponibilidade de horários entre ambas as partes, e que não atrapalhasse o trabalho das mulheres. Da mesma forma, os encontros foram elaborados de forma mais aberta e informal, para que as narrativas das mulheres pudessem ser o foco principal, trazendo nuances que somente as sujeitas da pesquisa poderiam revelar.

Assim, foram agendados os encontros como mostra a tabela a seguir:

**Tabela 1. Cronograma de encontros**

<b>DATA</b>	<b>TEMÁTICA</b>	<b>Nº DE PARTICIPANTES</b>
28/04/2023	Desigualdade de gênero e o trabalho	4
26/05/2023	Desigualdade de gênero e o lar	7
12/07/2023	Dificuldades da categoria de trabalho	12
11/08/2023	Representações do feminino	3

Fonte: Elaboração da autora (2023).

A pesquisa obteve a participação voluntária das catadoras, tendo como premissa a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>8</sup>, onde é explicada a pesquisa, os métodos do encontro e sobre a gravação em áudio, para posterior transcrição e análise.

A partir do agendamento com a unidade de valorização de resíduos, os encontros foram realizados com a participação das mulheres que puderam sair do seu posto de trabalho e que estavam confortáveis para participar do grupo. Cada encontro abordou uma temática e as mulheres puderam expressar suas opiniões e percepções sobre os temas, trazendo considerações importantes sobre suas vivências na cooperativa e também nos seus lares e relações pessoais.

<sup>8</sup> O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontra-se em anexo.

## 4 O TRABALHO INVISÍVEL DAS CATADORAS

Conforme Bárbara Rosa (2014), as mulheres encontram na coleta seletiva uma forma de ressignificar a sua vida, de reinventar a si mesmas e de sustentar suas famílias, porém os preconceitos de gênero e classe social presentes na sociedade contribuem para a construção de uma identidade invisível ou subalterna dessas mulheres. O trabalho nas Cooperativas de reciclagem tem suas dificuldades que só quem está dentro da unidade conhece. Vivenciar o cotidiano das catadoras é importante para compreender muito do que elas passam realizando o trabalho de seleção do lixo reciclável, além de reconhecer sua força e determinação.

Trago inicialmente a descrição do terceiro encontro realizado com as catadoras da Unidade de Valorização de Resíduos Geraldo Sálvio de Paula (o primeiro e segundo encontros serão retomados em sequência), pois esse encontro traz um panorama interessante sobre o trabalho das mulheres e acredito ser importante para ajudar a contextualizar o trabalho desenvolvido por elas, para posteriormente trazer os relatos dos encontros realizados em grupo (mesmo que anteriores a esse encontro).

No dia 12 de julho de 2023 seriam abordadas as dificuldades encontradas no exercício do trabalho, como preconceitos, violências, entre outras formas de discriminação. Porém, neste dia, foi necessário adaptar o encontro durante o trabalho das mulheres na cooperativa, pois embora tenha sido agendado, elas não estavam preparadas para nos receber e não puderam parar as atividades para a realização do grupo. Com o desejo de não perder a chance de conversar com elas, a decisão foi de vivenciar junto com elas um período de suas atividades, e assim foi possível conversar sobre o trabalho e as dificuldades que elas encontram cotidianamente.

Foi interessante acompanhá-las durante a realização da coleta, pois se mostraram até mais abertas e ativas na conversa, durante a atividade elas conversam bastante, talvez até mais que nos encontros em grupo, em que a vergonha e outras questões de resistência criam barreiras para dialogar. Mas ali no ambiente de trabalho cotidiano, onde elas dominam suas tarefas, as conversas fluíram de modo menos formal.

Durante esse encontro ficamos no barracão em que todo o trabalho acontece. É lá que cada uma se posiciona no seu lugar ao redor da esteira e realiza a seleção do que é reciclado e o que é descartado. Uma das questões levantadas foi sobre o trabalho em si, sobre como era trabalhar ali. Comentam sobre o calor que muitas vezes as faz suar durante o verão dentro do barracão, e sobre a divisão de tarefas na esteira em

que cada uma fica encarregada de coletar um tipo de reciclável (por exemplo, plástico branco, plástico colorido, garrafa pet, sacolinhas plásticas, vidro, etc.). Uma das catadoras fica no topo da esteira organizando o lixo que vai passar pelas colegas, e conforme a esteira anda cada uma vai selecionando o que é encarregada de coletar e colocando nas bags (sacos grandes). Vários deles já estavam bastante cheios, mas elas vão selecionando até estarem totalmente completos para fechar. Explicaram que quando fica completo a prefeitura leva pra pesar.

**Imagem 4. Bags de coleta de material reciclável**



Créditos: Bruna Martins (fotógrafa)

Na esteira elas encontram tanto o lixo reciclável como também alimentos, objetos quebrados, objetos novos e ainda embalados, que muitas vezes pegam para si porque ainda podem ser usados (como calçados, roupas ou brinquedos). O que não é selecionado por elas vai para o final da esteira, onde é triturado. Seriam os resíduos inutilizáveis para a reciclagem.

O número de produtos ainda embalados e novos que são descartados

demonstra como a cultura da acumulação de bens é estimulada pelo sistema capitalista, e os produtos passam a ter vida útil menor, ou seja, são descartados mais rapidamente para que novos sejam objeto de desejo e consumo. Dessa forma, o contingente de material descartado vem aumentando e, com ele, os lixões urbanos. Para Ingrid Martins (2016), “é o capitalismo que gera a matéria e que exclui estes trabalhadores”.

O trabalho é contínuo, e segundo elas, não existe um dia que não tenha lixo para selecionar. Comentam que no dia da limpeza do barracão sai muita sujeira, elas tiram todos os sacos e jogam água no chão. Depois tudo recomeça. Pergunto sobre o vidro, se já tinham se machucado, e confirmaram que sim, que precisam usar as luvas grossas porque pode ser perigoso, tem que ficar de olho (minutos depois vimos uma garrafa de vidro quebrada e pontiaguda).

**Imagem 5. Esteira de seleção de material reciclável**



Créditos: Bruna Martins (fotógrafa)

Contam sobre a relação entre colegas de trabalho, e que nem todas são amigas, mas apesar disso algumas são melhores amigas e até da mesma família. Embora a ideia de cooperativismo possa trazer ideias de um grupo sempre unido e indissociável, não deixa de ser um espaço de trabalho com suas próprias normas tanto laborais como sociais, e mesmo tendo situações que aproximam e interferem nas vivências mais subjetivas das mulheres, elas cumprem sua função no ambiente de trabalho, seja tendo uma relação mais próxima ou não com as colegas.

Existe a divisão de trabalho entre os homens e mulheres dentro da cooperativa: as mulheres trabalham na esteira e cuidam da seleção do material reciclado, enquanto os homens ficam responsáveis pelo trabalho mais “pesado”, na prensa e no caminhão que vai pra rua. Essas divisões de trabalho e as desigualdades presentes no ambiente laboral foram bem descritas e relatadas pelas mulheres no primeiro grupo realizado<sup>9</sup>.

Alguns homens que trabalhavam na cooperativa também comentaram sobre a violência que sofrem na rua, trabalhando no caminhão, pois muitas pessoas têm nojo e preconceito com quem coleta o lixo, sendo muitas vezes mal educadas e desrespeitosas.

As circunstâncias negativas que envolvem o trabalho das catadoras escancaram as relações de trabalho precarizadas e as questões de gênero. Além de estarem submetidas às vulnerabilidades sociais, econômicas e relativas à saúde, ainda se encontram expostas aos mais variados preconceitos relacionados ao seu trabalho, à sua classe, ao seu gênero e a sua etnia.

Maria José Tonelli (2022) comenta como é indispensável a perspectiva de gênero para compreender os padrões de desigualdade nas relações sociais. A interseccionalidade com a raça é também um viés essencial visto que as mulheres negras são as mais prejudicadas quando se trata de igualdade e inclusão. Desta forma, nota-se que mulheres não-brancas e pobres têm ainda mais dificuldade em se inserirem no mercado de trabalho e precisam aceitar empregos menos valorizados e precários.

Conforme Sueli Carneiro (2019), a pobreza é vivenciada majoritariamente por mulheres negras, uma vez que o racismo atravessa a construção de desigualdades de classe e gênero. Dessa forma, enquanto mulheres brancas reivindicaram a possibilidade de inserção no mercado de trabalho e pela chefia de suas famílias, essa não foi uma pauta que abarcou as mulheres negras, uma vez que, historicamente, necessitam

---

<sup>9</sup> O primeiro encontro será analisado no próximo capítulo.

ocupar postos de trabalho subalternizados como condição de sobrevivência.

Para Kimberlé Crenshaw (2004), as mulheres negras não têm condições de concorrer adequadamente no mercado em decorrência dos poucos empregos disponíveis, assim tendem a ser socialmente marginalizadas. Segundo o Ipea, sobre as condições de vida das mulheres negras no Brasil, ser mulher aumenta a dificuldade em se inserir no mercado de trabalho e caso essa mulher seja negra as dificuldades são ampliadas. Para o reconhecimento das experiências das mulheres negras, segundo a autora (2004), as categorias raça e gênero não podem ser enquadradas separadamente, pois, a partir da realidade da mulher negra, o peso combinado dessas duas estruturas marginaliza as mulheres que estão na base da pirâmide socioeconômica. Também Lélia Gonzalez (2019) comenta que há hierarquias de gênero, raça e classe que, articuladas entre si, levam mulheres negras a vivenciarem opressões com contornos específicos dentro das classes exploradas.

Para Adriana Ferreira (2023), as catadoras são personagens de uma trama capitalista e patriarcal que mistura gênero, raça e classe social. A dificuldade para se inserir no mercado formal de trabalho, entre outras razões, contribui para que busquem estratégias de sobrevivência na atividade da catação que, mesmo sendo um trabalho pesado e insalubre, é, muitas vezes, a única ou última alternativa para suprir suas necessidades e de suas famílias.

Assim, essa relação intrínseca e de difícil ruptura entre gênero, pobreza e trabalho precário, coloca as mulheres que não conseguem se inserir no mercado de trabalho, em funções menos valorizadas e com baixa remuneração (PAIVA, 2016), além de continuar explorando o trabalho reprodutivo que ocupa grande parte da vida das mulheres pobres. A necessidade de adquirir renda para o sustento da família acaba direcionando as mulheres para ocupações precárias e desvalorizadas.

A coleta seletiva é vista com maus olhos pela sociedade e, segundo Ingrid Martins (2016), as pessoas constantemente tentam excluir e afastar esses profissionais, transferindo-os para as cidades e para os bairros periféricos dos grandes centros urbanos como forma de maquiar a realidade. A Unidade Geraldo Sálvio, por exemplo, fica situada perto de uma ocupação, sendo que grande parte das catadoras vivem lá. Uma delas comenta:

“Ainda mais que a gente mora numa comunidade assim, inferior né... Então quase todo mundo é do mesmo jeito” (Participante 4, 2023, s.p.)

O sentimento de inferioridade faz parte da identidade das catadoras, pois tanto seu trabalho é desvalorizado e estigmatizado como a representação de si mesmas fica fadada a essa discriminação. Adriana Ferreira (2023) comenta que ao enfrentar situações tão precárias, as catadoras e catadores vivenciam, frequentemente, sentimentos de auto anulação, passam a não se perceberem como seres humanos, sentindo-se parte do material que manuseiam: o lixo da sociedade.

Dentro da própria cooperativa as mulheres catadoras não se veem como iguais, embora sejam cooperadas, elas mantêm a hierarquia dentro da unidade, considerando a técnica da UVR como “diretora”, e elas as subordinadas.

Por ser um trabalho considerado mais humilde aos olhos da sociedade, as catadoras passam praticamente despercebidas pelas pessoas, como se fossem invisíveis, sem reconhecimento de si ou de seu trabalho (Rosa, 2014).

Além disso, Fernando Costa (2004) afirma que o não reconhecimento dá um sentido de não-ser, de morte do indivíduo, pois denota um sentimento de não existência de uma pessoa, substituída então por uma “coisa” que coleta os restos de outras pessoas. As mulheres catadoras não tem sua identidade e nem o seu trabalho reconhecido.

A inserção das mulheres no mercado de trabalho não reduz automaticamente os índices de pobreza e precarização. Há uma variedade de fatores que mantém a distribuição desigual entre os trabalhos remunerados, como o acesso das mulheres a determinados empregos, cargos, funções, e remunerações, e reconhecimento.

Nancy Fraser (2002) comenta que na sociedade atual, a desigualdade econômica continua a se manifestar:

Além disso, a actual população diversificada de trabalhadores simbólicos, trabalhadores de serviços, trabalhadores manuais, trabalhadores temporários e a tempo parcial, bem como os socialmente excluídos, tem extrema consciência das múltiplas hierarquias de estatuto, incluindo as ligadas à diferença sexual, raça, etnicidade, sexualidade e religião.

Para Fraser (2002. p. 11) “a justiça é uma questão de distribuição justa” e de “reconhecimento recíproco”. Para ela, são dois focos importantes a se observar para que ocorra a justiça social: a redistribuição e o reconhecimento, dois ordenamentos sociais que sozinhos não dão conta de transformar a situação social atual, mas que

sobrepostos podem trazer modificações importantes e necessárias.

Ela comenta que a injustiça social é resultado da má distribuição, tanto de desigualdade de rendimentos como pela exploração (ser expropriado do fruto do próprio trabalho em benefício de outros), privação (não ter acesso a um padrão de vida material adequado) e marginalização ou exclusão dos mercados de trabalho (ser obrigado a um trabalho indesejável e mal pago, como também não ter acesso a trabalho remunerado). Assim, acredita que a solução seria a redistribuição, a partir da redistribuição de renda, reorganização da divisão do trabalho, controles democráticos do investimento ou a transformação de outras estruturas econômicas básicas (2006).

O falso reconhecimento também é o que resulta na injustiça social, de forma cultural ou simbólica, a partir de padrões sociais de representação, interpretação e comunicação. Segundo ela, temos como exemplo a dominação cultural (ser submetido a padrões de interpretação e comunicação associados a outra cultura, alheios e/ou hostis à sua própria), o não-reconhecimento (tornar-se invisível por efeito das práticas comunicativas interpretativas e representacionais autorizadas da própria cultura) e o desrespeito (ser difamado ou desqualificado rotineiramente nas representações culturais públicas estereotipadas e/ou nas interações da vida cotidiana). Assim, ela acredita que a solução seria o reconhecimento que possa trazer uma mudança de identidade social a todos, revalorizando identidades desrespeitadas e produtos culturais de grupos discriminados, reconhecendo e valorizando as diversidades, ou seja, através da mudança cultural ou simbólica.

Segundo Fraser (2002), a justiça surge como uma categoria bidimensional que abrange ambos os tipos de reivindicação: uma política de redistribuição e política de reconhecimento. Para isso ela propõe o princípio de paridade de participação (p.13) em que “a justiça requer arranjos sociais que permitam a todos os membros (adultos) da sociedade interagir entre si como pares”. Nesse contexto, haveria distribuição de recursos materiais para garantir a independência dos participantes, além de que os padrões institucionalizados de valor cultural tivessem igual respeito por todos os participantes, garantindo iguais oportunidades para que possam alcançar a consideração social.

Para Paula Miura e Bader Sawaia (2013, p. 331), tornar-se catador é um exemplo da “inclusão diferenciada ou da inclusão perversa”, ou seja, o indivíduo é socialmente incluído por ter um trabalho e excluído pelo ofício que exerce. Apesar de carregarem o estigma da exclusão, pode-se observar a mudança da percepção desses catadores organizadas em cooperativas e associações, que se reconhecem como

agentes ambientais, o que contribui para o resgate da sua autoestima, ressignificando seu trabalho como símbolo de luta e resistência.

A própria feminização do trabalho está acompanhada da precariedade. Nesse sentido, a atividade de catação de materiais recicláveis surge como uma alternativa para a mulher frente ao desemprego e a exclusão do mercado de trabalho formal. O fato da maior parte das catadoras atuarem em empregos tipicamente femininos e de baixo reconhecimento social (geralmente trabalhos de cuidado) reforça a interface entre a feminização do trabalho e a precariedade. Ioli Wirth (2010) comenta que existe tanto o trabalho produtivo quanto o reprodutivo, e as mulheres batalham para conciliar ambas as funções, já que muitas têm filhos e são as chefes da família, portanto escolhem trabalhos informais principalmente porque podem ter maior flexibilidade para conciliar os papéis, e “é justamente esse o elo de ligação entre gênero e precariedade” (WIRTH, 2010, p.153).

No entanto, outros elementos motivadores do ingresso na seleção de materiais recicláveis, como o trabalho cooperativado como oportunidade para aquelas que exerciam a seleção de materiais nas vias públicas; a curiosidade em conhecer o trabalho de reciclagem e, a partir disso, a identificação com a dinâmica de trabalho e a influência de familiares que já exerciam a profissão. Os catadores de materiais recicláveis visualizam no trabalho cooperado uma possibilidade de realização, segurança, estabilidade, geração de renda e possibilidades de obter maior reconhecimento (COELHO et. al, 2016).

A aproximação da pesquisadora com as participantes foi essencial para compreender essas nuances que envolvem o trabalho das catadoras além de contribuir para o bom andamento da pesquisa, principalmente quando consideramos realidades tão distintas, no caso de uma pesquisadora branca, de classe média, inserida no contexto delas, é normal terem resistência para falar de si. Me inserir no ambiente e vivenciar junto com elas o trabalho realizado foi muito importante tanto para meu entendimento do que elas passam cotidianamente, mas também para que elas pudessem encontrar acolhimento e reconhecimento de suas demandas.

As relações foram importantes desde o início da pesquisa para que se criasse um vínculo mais próximo e eficaz. Em seu texto "sobre a dinâmica da transferência" de 1912, Freud discorre sobre o processo transferencial dentro do *setting* analítico, o qual precede uma análise e se inicia nos primeiros contatos entre analista e analisante, e é através da transferência que o vínculo analítico se desenvolve, propiciando

que o trabalho em análise ocorra. Entretanto, Freud mesmo diz se apropriar do termo que já existia e tem um uso parecido no cotidiano, já que a transferência com um outro, seja por uma identificação, por admiração, por respeito, etc. torna-se uma facilitadora de vínculos, como no caso do grupo.

Houve maior abertura por parte delas e compreensão do trabalho que elas realizam. Puderam falar sobre o que fazem e como o fazem, e aqui pude perceber como seria importante esse contato anteriormente, como meio de aproximação e que pudesse trazer mais conforto nas dinâmicas dos encontros. De certo modo, os encontros foram organizados de modo que haveriam apenas grupos, porém percebo que esse contato inicial e a vivência junto com elas do cotidiano de trabalho trouxe mais abertura.

Pude compreender diretamente quanto o trabalho é constante e pesado. Muito mais do que separar lixo, elas precisam estar o tempo todo em contato com aquilo que as pessoas descartam, o odor forte impregna as narinas até o momento em que o olfato acostuma, o calor não cessa, e elas ainda precisam utilizar as luvas grossas para não se machucarem. Exige muita força física e emocional para que elas consigam passar o dia todo naquele ambiente separando o lixo, podendo a qualquer momento se machucar com alguma coisa pontiaguda.

Existem trabalhadoras na coleta seletiva, mas suas identidades, resistências e ressignificações muitas vezes só são reconhecidas a partir do momento que as enxergamos realizando esse trabalho, no dia a dia da seleção do lixo, no desconforto do ambiente de trabalho, em que as dificuldades escancaradas revelam a força dessas mulheres para estarem ali todos os dias.

## 5 A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E A FEMINIZAÇÃO DA POBREZA

A divisão sexual do trabalho ainda prevalece na sociedade, mantendo desigualdades de gênero dentro do ambiente laboral, dividindo o que é função de mulher e o que é função de homem até mesmo dentro das cooperativas.

Segundo Maria Torres (2006), o gênero é uma categoria que está diretamente relacionada à divisão sexual do trabalho e aos novos determinantes do mundo do trabalho, e essa divisão desencadeia o não-reconhecimento das potencialidades das mulheres ao mesmo nível dos homens, acreditando que o capitalismo desde a sua gênese se apropria do trabalho feminino subordinando-o ao trabalho masculino.

Para Heleieth Saffioti (1976), as mulheres estão inseridas desigualmente no sistema de produção capitalista e o trabalho é o lugar onde articulam-se exploração e opressão. Para ela, as mulheres encontram-se em funções menos prestigiosas, realizando trabalhos repetitivos, fragmentados e com remuneração menor em relação aos homens. Segundo Danièle Kergoat (2009), os princípios norteadores da definição da divisão sexual do trabalho são a separação (existem trabalhos de homens e de mulheres) e a hierarquia (os trabalhos de homens valem mais do que os trabalhos das mulheres).

“Gênero é a organização social da diferença sexual. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais.” (Wirth, 2010, p. 55). Nota-se que gênero é o elemento principal da divisão sexual do trabalho. É importante evidenciar como essa divisão demonstra a construção social do “ser homem” e do “ser mulher” na sociedade que, conforme Valeska Zanello (2018), são construções historicamente construídas e que fazem parte dos processos de subjetivação da humanidade. Assim como a autora comenta: homens e mulheres não são, simplesmente, resultado de uma condição biológica, mas sim fruto dessa construção.

Buscando compreender como se dá essa divisão nas dinâmicas de trabalho das catadoras na cooperativa, o primeiro encontro na unidade aconteceu no dia 28 de abril de 2023 e trouxe como temática a desigualdade de gênero e o trabalho. Nesse dia, quatro mulheres participaram e o encontro foi bastante produtivo, com uma participação ativa das integrantes.

Falar sobre o ambiente de trabalho foi um dos tópicos, mas não somente isso, pois queríamos entender a inserção das mulheres na cooperativa, assim como

conhecer a percepção delas em relação a desigualdades de gênero presentes no dia a dia do trabalho, visto que mesmo sendo em maioria na cooperativa, as mulheres continuam vivenciando e sofrendo desigualdades em relação aos homens.

**Imagem 6. Encontro 1**



Créditos: Bruna Martins (fotógrafa)

Conforme elas relataram, a cooperativa iniciou no final de 2021, porém antes já existia outro barracão que realizava a coleta com outro tipo de vínculo empregatício, sendo que duas delas trabalhavam ali já nesse período e contam que não era uma cooperativa, então elas não tinham muitos dos seus direitos trabalhistas garantidos, além de ganharem bem menos com a reciclagem naquele período.

A participante 2, de 58 anos, conta que trabalha como catadora de material reciclado há mais de 25 anos e que criou os filhos fazendo reciclagem. Lembra que sofria muito na rua, que as pessoas eram desrespeitosas e preconceituosas quando ela chegava para recolher o lixo reciclável, mas que também não ficava calada, sempre

arrumava briga na rua e discutia com quem a tratava mal.

A participante 3 trabalha na cooperativa há 3 meses, porém, assim como a participante 2, trabalhou nesse mesmo espaço anteriormente antes de a unidade se consolidar e faz os mesmos relatos que a colega, de que seus direitos trabalhistas têm sido respeitados somente agora com a cooperativa instaurada e que o salário tem sido melhor.

As participantes 1 e 4 contam que esse é o primeiro trabalho como catadoras, ambas estão na cooperativa desde a primeira seleção (aproximadamente 1 ano e 4 meses) e que antes tiveram trabalhos menos flexíveis e que ocupavam os fins de semana, e que a escolha pela cooperativa se deu principalmente para poder ter mais tempo com os filhos em casa e maior flexibilidade de horários.

O tema principal desse encontro era sobre as desigualdades de gênero que elas percebiam dentro da cooperativa, no trabalho do dia a dia. Então foram questionadas se elas percebiam diferenças entre o trabalho dos homens e das mulheres dentro da unidade:

“Pesquisadora: E vocês diriam que tem diferença no trabalho que vocês mulheres fazem aqui e o que os homens fazem?”

“Sim, a gente faz melhor, a gente faz melhor.” (Participante 4, 2023, s.p.)

Comenta a participante 4, ela conta que as mulheres trabalham mais e concluem as coisas mais rapidamente, sem precisar que alguém peça para fazer, tendo melhor resolução dos problemas que vão surgindo durante o expediente.

Outra participante contribui:

“Dependendo de alguns homens a gente faz dez vezes melhor do que eles. Que tem um ali que só tá fazendo peso aqui.” (Participante 1, 2023, s.p.)

“Eu ergo dois bag enquanto ele tá enchendo um.” (Participante 1, 2023, s.p.)

“Que nem tipo assim ó, as meninas, têm menina ali que pega quatro

cinco coisas, e daí vai um homem ali... Que consegue pegar uma coisa só e mal.” (Participante 1 , 2023, s.p.)

A forma como elas relatam essa diferença demonstra a insatisfação com o trabalho dos homens na cooperativa, pois como a participante comenta eles demoram para realizar o trabalho, o que atrapalha também o serviço delas, e mesmo pedindo para fazerem mais rápido, elas preferem muitas vezes fazer o que precisa e não ficar esperando que eles façam.

Elas comentam sobre a diferença na forma de lidar com o trabalho, por exemplo, como elas geralmente tentam fazer mais e mais rápido, enquanto os homens fazem mais devagar e, segundo elas, “mal feito”. Essas características fazem parte da dinâmica das desigualdades de gênero e o modo como essa distribuição continua a fazer parte do exercício profissional - seja nessa ou em outra categoria de trabalho.

Paulo Roberto Ceccarelli (2019) discorre sobre o fato de que as questões de gênero são uma construção social e considerar que um grupo seja mais forte ou capaz de realizar determinada tarefa que outro, apenas pela diferença anatômica dos sexos, “não seria nada mais do que um instrumento político de dominação”.

Embora algumas tarefas sejam realizadas pelos homens por serem atividades mais “pesadas”, isso não muda o fato de que se as mulheres percebem que o trabalho não está sendo feito como deveria, elas tomam a frente e o realizam, mesmo que seja algo mais pesado.

“Eles ficam mais na prensa, porque na prensa tem que erguer todos os bag, mas geralmente vai as mulher lá também na prensa, vai no caminhão, vai em tudo.” (Participante 4, 2023, s.p.)

“...se for pra ir, quem vai no caminhão é só os homens, mas se não tiver homem, tipo ah não tem homem agora de tarde, as mulher vão também.” (Participante 4, 2023, s.p.)

Conforme Taís Freitas e Miriam Nobre (2012), existe essa acentuada divisão de trabalho feita pelos homens e mulheres dentro das cooperativas, mas nota-se que as mulheres acabam realizando trabalhos que normalmente não seriam seus por uma necessidade de contribuir e concluir as tarefas que percebem estar demorando demais quando feitas somente pelos homens.

Para Ingrid Martins (2016) as cooperativas de materiais recicláveis podem

reproduzir, no seu funcionamento, invariáveis opressões de gênero, quer no trabalho produtivo, quer no trabalho reprodutivo. Nesses empreendimentos, além da precarização do trabalho, existe uma acentuada separação entre o que é “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”, estereótipos que se naturalizam no cotidiano das atividades laborais (PAIVA, 2016).

O trabalho de limpeza da cooperativa, por exemplo, é considerado ainda “trabalho de mulher”, e é feito somente pelas mulheres da unidade, mesmo que todos os cooperados utilizem os espaços. Como elas comentam:

“Só o banheiro deles de vez em quando eles limpam.” (Participante 4, 2023, s.p.)

“E limpa mal ainda.” (Participante 1, 2023, s.p.)

“Aí de vez em quando a gente pede pra eles limpar” (Participante 4, 2023, s.p.)

“Pesquisadora: E aí tem que pedir, porque por conta não vai?”

“Não vai.” (Participante 4, 2023, s.p.)

Podemos pensar como a exploração da força produtiva ocorre em conjunto com a força reprodutiva de trabalho das mulheres. Mesmo que exista o processo de organização das cooperativas de catadoras e catadores de materiais recicláveis, e que tenham a expectativa de diminuir as desigualdades de gênero no trabalho, ainda são muito comuns dinâmicas que precarizam ainda mais o trabalho das mulheres catadoras dentro desse contexto. A autonomia e liberdade para realizar suas atividades na cooperativa vai muito além de realizar o seu trabalho, as mulheres ainda se sentem na obrigação de resolver os problemas e tarefas que são dos homens, no intuito de manter uma ordem na realização do trabalho como um todo.

Segundo Andrey Silva (2022), o processo de construção da masculinidade se inicia ainda na infância, sendo influenciado pelo que se observa nos padrões de referência. Esses modelos são ensinados desde tenra idade e reproduzidos principalmente nas relações familiares. Os homens ainda acreditam que trabalhos de

limpeza devem ser realizados somente pelas mulheres, ignorando o fato que usam também os banheiros, cozinha, e outros ambientes comuns da cooperativa. Desta forma, as desigualdades encontradas demonstram como a sociedade se mantém envolvida em uma crença que trabalhos de cuidado são feitos pelas mulheres, e trabalho “pesado” é feito pelos homens.

Desde cedo os homens aprendem a reproduzir comportamentos considerados adequados para o seu gênero, e isso dificulta muito uma mudança de comportamento quando precisam se posicionar diferente nas dinâmicas de trabalho, por exemplo, trazendo prejuízo para si e para os outros. Ao serem questionadas sobre o que precisaria ser feito de diferente para que os homens passassem a exercer as tarefas de modo mais equiparado a elas, elas respondem que a solução que encontram é fazer o que precisa no lugar deles ou então demitir e contratar outros trabalhadores.

Conforme Andrey Silva (2022), a relação do homem com o trabalho vem desde a supervalorização do trabalho realizado pelo homem e que isso é elemento constitutivo da masculinidade, aprendido e reproduzido de modo a enaltecer o trabalho masculino, mas ao conhecer a realidade da cooperativa esse trabalho não existe, mais de perto nota-se que não é desta forma.

“É, porque elas mesmas assim não tem muita paciência, aqui elas não têm muita paciência... elas ali na esteira se falar assim “Ah puxa um negócio pra mim” e ele demorar elas mesmo já vão lá e faz, entendeu? Elas não têm paciência.” (Participante 4, 2023, s.p.)

A relação das mulheres com os homens é acentuada pela diferença no modo de trabalhar, enquanto elas desejam que as tarefas sejam realizadas rapidamente e da melhor forma possível, sentem que os homens não têm o mesmo interesse, o que resulta, muitas das vezes, na demissão e contratação de novos cooperados. Para mudar essa situação, a solução que encontram é:

“Mandar tudo pra rua e tentar a sorte com outro né?” (Participante 1, 2023, s.p.)

Segundo elas, os homens não costumam ficar por muito tempo trabalhando na cooperativa:

“A gente sempre muda bastante de homem.” (Participante 4, 2023, s.p.)

“Homem é o que mais dá problema.” (Participante 1, 2023, s.p.)

“Homem aqui não para.” (Participante 4, 2023, s.p.)

Comentam que os homens não gostam de se submeter a uma chefe mulher, além disso não conseguem seguir o fluxo de trabalho das mulheres que são maioria na cooperativa e que acabam cobrando mais produtividade. Há muita rotatividade de homens para trabalhar:

“É que assim, a gente avisa, avisa ó tem que mudar, a gente chama ali e conversa, e fala ó cê tem que mudar que tão reclamando... A gente avisa assim ó tavam reclamando que vocês né... tenta mudar e tal, aí eles dá uma mudadinha quando é daqui dois dias faz de novo. Aí a gente tem que ir lá conversar, falar ó não tá adiantando e tal. Ai quando a gente vê, ó não tá mais dando certo infelizmente, ai a gente despede, porque não tem como ficar com a pessoa.” (Participante 4, 2023, s.p.)

“Aí a única coisa que tem é dispensar e chamar outro. Mas homem mesmo, tem uns que vem um dia e não quer mais, tem uns que vem dois dias e não quer mais, tem uns que vem três, uma semana, e ai reclama. Ai não vem mais. Abandona.” (Participante 4, 2023, s.p.)

Segundo elas, eles também parecem ter preconceito em estar trabalhando com o lixo:

“É que às vezes os homens são meio preconceituosos de vim aqui e ver lixo. Eles pensam que eles vão trabalhar com a cara no lixo entendeu?” (Participante 1, 2023, s.p.)

Mas além disso, muitas vezes eles não aceitam serem “mandados” por mulheres, como relata a Participante 4:

“Não, e não só por isso. A maioria tem preconceito porque aqui a diretoria inteira praticamente é mulher.” (Participante 4, 2023, s.p.)

“Eles não gostam que a gente fala “ó vocês tem que fazer isso”, eles não aceitam que eles sejam mandados por mulheres. E aqui a diretoria inteira, e como nas outras cooperativa também, a maioria são mulher.” (Participante 4, 2023, s.p.)

“Em nossa sociedade, os valores atribuídos a homens e mulheres são distintos. O que se espera de homens e mulheres é diferente” (Muskat apud. Teperman, 2023, p. 90). Enquanto os homens ocupam papéis sociais de virilidade, provedores, inteligentes e respeitados, cabe às mulheres o papel de serem respeitadoras, maternais e dóceis, colocando a mulher em um lugar de submissão e deixando o homem constantemente frustrado com seu entorno.

Estudo realizado por Izaque Ribeiro, Henrique Nardi e Paula Machado (2012) mostra que, ao assumir posição mais ativa no empreendimento de reciclagem, as mulheres contestam essa naturalização das funções e atributos tradicionais e das relações de poder entre homens e mulheres, o que, por vezes, tenciona as relações de gênero e de trabalho diante da “instabilidade dos tradicionais papéis masculinos e femininos, questionando, de certo modo, a divisão sexual do trabalho” (Ribeiro, Nardi e Machado, 2012, p. 252). O estudo mostrou também que muitos homens não se sentem à vontade, quando uma mulher está “deliberando as coisas”, de forma a desrespeitar as lideranças constituídas por mulheres.

Essa dificuldade de ter mulheres realizando o trabalho que são historicamente masculinos, em lugares de liderança e responsabilidade traz desconforto para aqueles que se beneficiam dessa divisão sexual do trabalho. Mas fica bastante claro como a supervalorização do trabalho masculino acaba se dissipando dentro da cooperativa, já que as mulheres estão tomando essas posições.

Porém, a exploração do trabalho feminino continua existindo. Observa-se o quanto as mulheres acabam tomando para si mais tarefas do que deveriam, numa forma de suprir tanto as suas demandas, como as dos homens que trabalham na cooperativa. Elas demonstram essa insatisfação na entonação com que falam sobre esse assunto, com maior chateação e irritação, já que precisam dar conta de seu trabalho e não veem os homens se dedicando tanto quanto elas, o que gera ainda mais cansaço físico e mental.

Aceitar que mulheres desempenhem o trabalho essencialmente masculino é de suma importância para conceber homens e mulheres como iguais no mercado de

trabalho e em outras esferas sociais porque sempre atribui-se às mulheres trabalhos relacionados ao cuidado, seja de outras pessoas ou de ambientes. Então, a inserção feminina em atividades que não estão mais relacionadas exclusivamente ao trabalho de “cuidar” (cuidar do lar, cuidar de crianças etc.) mostra como as mulheres são aptas a desenvolver qualquer tipo de atividade, e que não há maior predisposição da mulher para atividades consideradas “femininas”, sendo a sua escolha é determinada pelas condições de vida nas quais estão inseridas.

O que pode ser identificado, porém, é que o aumento de mulheres em determinada atividade está ligado à desvalorização desta função pelo público masculino, o que lhes garante a oportunidade de ocupar este espaço. Como as catadoras comentam, os homens não ficam muito tempo trabalhando na cooperativa, pois sentem que seu trabalho ali não é valorizado como deveria. Como resultado, porém, conforme Ingrid Martins (2016), ocorre a desvalorização da mulher perante a sociedade, por ocupar lugares “rejeitados” pelos homens.

Elas comentam que se a cooperativa fosse somente de mulheres, o trabalho seria muito diferente:

“Eu acho assim que se, aqui hoje, tirasse tudo os homens e deixasse só as mulher tava bom também!” (Participante 4, 2023, s.p.)

Segundo elas, é mais fácil trabalhar só com mulheres, pois se entendem:

“É, porque geralmente as mulher se entendem. Se for homem eles não vão ter a mesma sensibilidade que a gente, eles vão falar “ah mas pra que, e não sei o que”, já vai ficar falando né, que é frescura. E a gente não, a gente se entende mais no caso.” (Participante 4, 2023, s.p.)

**Imagem 7. Encontro 1**

Créditos: Bruna Martins (fotógrafa)

O trabalho cooperativo parece trazer uma sensação de contribuição mútua entre as mulheres, que comentam que se tornaram amigas, algumas trouxeram outras mulheres da própria família para trabalhar na unidade, e várias delas são também vizinhas e se conhecem há anos. Sentem que quando precisam de algum tipo de auxílio podem contar com as colegas ou até com a diretora que se disponibiliza a ajudar como pode. Segundo elas, o trabalho com outras mulheres é melhor porque se uma delas tem alguma dificuldade em casa consegue ter conselhos das colegas e a compreensão da diretora caso precise se ausentar por algum período, se sentindo assim acolhidas.

A proposta do encontro foi debater com as participantes sobre as particularidades muitas vezes intrínsecas ao seu cotidiano e que precisam ser problematizadas, pensando novas formas de organização do trabalho que diminuam a desigualdade de gênero. E conforme os relatos, elas puderam expor várias situações em que essas diferenças se apresentam dentro da cooperativa.

Para Maria Torres (2006), não se pode conceber a divisão sexual do trabalho como algo natural, deve-se entendê-la como algo fruto da organização da

sociedade, onde a cultura, a religião e o mercado podem estar diretamente envolvidos na construção destes padrões de comportamentos distintos entre homens e mulheres, quer seja no trabalho produtivo ou reprodutivo. Essa questão nos mostra que a divisão sexual do trabalho perpassa fortemente não só a relação entre produção e reprodução, mas também uma relação de gênero muito acentuada.

## 6 POBREZA DE TEMPO E A CONSTRUÇÃO ESTRUTURAL DE PAPÉIS DE GÊNERO

As perspectivas para eliminar as desigualdades de gênero no Brasil não são das melhores, estando longe dos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS-5) estabelecidos pela ONU até 2030. Conforme o panorama da situação de igualdade de gênero, em 2022, em todo o mundo, mais de 380 milhões de mulheres e meninas viviam em situação de pobreza extrema, e se as tendências atuais continuarem assim, até 2030 esse cenário será ainda pior.

Tem sido cada vez mais importante compreender como a pobreza determina e limita a vida das mulheres, e como trabalhos não remunerados exercidos majoritariamente pelas mulheres são fatores que agravam a vulnerabilidade econômica e sua saúde mental. “As mulheres têm menos probabilidades de alcançar um trabalho remunerado digno, desfrutar de independência econômica ou acumular poupanças, bens ou benefícios para se aposentar no futuro” (ONU, 2019, p.4).

A partir da divisão sexual do trabalho às mulheres foi conferido o trabalho reprodutivo (FEDERICI, Sílvia, 2020). Os custos e a responsabilidade pelos trabalhos domésticos e não remunerados ressaltam as desigualdades de gênero presentes na sociedade. As mulheres precisam dedicar mais tempo para trabalhos que requerem o cuidado (da casa, do marido, dos filhos, de outros familiares...).

As mulheres mais pobres precisam se dedicar ainda mais, intercalando mais de um trabalho pouco remunerado para dar conta das demandas cotidianas, além dos adicionais trabalhos domésticos não remunerados. Muitas vezes sem poder pagar por tecnologias e estudos que poderiam otimizar seu tempo e seu esforço, elas precisam trabalhar com condições físicas e ambientais muitas vezes precárias. “Las mujeres pobres también se ven obligadas a realizar formas vulnerables e inseguras de trabajo de supervivencia por necesidad económica” (ONU, 2019, p. 4).

O trabalho se intensifica a partir do momento em que a mulher tem filhos, podendo acontecer a chamada transmissão intergeracional da pobreza (ONU, 2019), resultando na pobreza infantil e em diferentes privações que recaem sobre as meninas crianças e adolescentes que precisam começar a ajudar as mães nos cuidados da casa e dos irmãos, e que interfere na educação, resultando em mais vulnerabilidade, mantendo essa dinâmica da pobreza.

La gran cantidad de tiempo que dedican las mujeres pobres a desempeñar arduas formas de trabajo remunerado y no remunerado no solo da lugar a un círculo vicioso de pobreza económica y pobreza de tiempo, sino que también ocasiona un deterioro de su bienestar físico y mental (ONU, 2019, p.4).

O segundo encontro na Unidade de Valorização de Resíduos Geraldo Sálvio de Paula ocorreu no dia 26 de maio de 2023 e teve como proposta discutir sobre as desigualdades de gênero no lar e nas relações familiares. Nesse dia, sete mulheres participaram, sendo que as quatro do primeiro encontro também estavam presentes. O encontro abordou as desigualdades que as mulheres percebem dentro de seus lares em diferentes momentos de suas vidas, iniciando com a infância, momento presente e futuro.

Inicialmente, o grupo contou histórias sobre a sua infância e como era a divisão das tarefas domésticas na casa de suas famílias:

“Lá na casa da minha mãe a gente juntava assim, tipo assim, era eu e uma irmã só, que fazia o serviço da casa da minha mãe, eu e minha irmã mais nova né, aí eu era pequena também daí eu punha uma cadeira e um tijolo daí subia assim... E ai de mim se não fizesse bem feito!” (Participante 3, 2023, s.p.)

As tarefas na infância geralmente ficavam a cargo das filhas meninas, que cuidavam tanto da limpeza, como dos irmãos mais novos. A participante 1 contou que trabalhava desde pequena com o pai no comércio que ele tinha, sua irmã também ajudava, e somente por isso não fazia as tarefas de limpeza em casa, por já estar ocupada com trabalho fora de casa.

Segundo Valeska Zanello (2018), a construção das subjetividades femininas na sociedade ocidental é fruto de um processo histórico de marginalização que constrói relações desiguais entre os gêneros, e são processos por meio do qual a cultura molda e reproduz performances dentro das relações e, principalmente, dentro do lar, através de uma pedagogia de afetos, que dita os papéis de homens e mulheres.

Susie Orbach (1986) também afirma que mulheres, principalmente mães, levam uma jornada extenuante de trabalho, pois geralmente assumem toda a responsabilidade de suprir as demandas da casa, dos filhos, companheiro e em muitas situações, contribuir com a renda trabalhando fora de casa.

Atualmente todas fazem as tarefas de casa em seus lares, mesmo tendo marido e filhos. A participante 1 relata que o seu marido está preso e que, por ser

somente ela e as duas filhas, a casa se mantém limpa:

“Mas o barraco é limpinho, é só nós três, meu marido tá preso daí não tem sujeira.” (Participante 1, 2023, s.p.)

Como o marido está preso, não tem sujeira, como é só ela e as filhas que residem na casa, elas conseguem manter o ambiente sempre limpo e organizado, de outro modo, se o marido estivesse em casa, não seria dessa forma.

A participante 5 vive somente com seu filho de 18 anos, mas relata que acaba fazendo tudo sozinha em casa:

“Ah sobrou só pra mim porque meu piá tem 18 anos né, ele estuda de manhã e quando é a tarde ele vai jogar com os amigo dele. E daí eu chego e daí eu faço tudo, apesar que a minha casa é sempre limpinha né, que é só ele meu piazinho, modo de dizer, meu piazinho, meu nenê.” (Participante 5, 2023, s.p.)

“Pesquisadora: E você pensou assim para, por exemplo, para o seu piá, dar alguma tarefa ou não?”

“Não porque eu não gosto, eu gosto de eu mesma fazer. Porque ele faz tudo pela metade e eu já não gosto disso, eu gosto tudo nos mínimos detalhes, tudo limpinho.” (Participante 5, 2023, s.p.)

Manter um lugar em que elas possam deter certo poder é também difícil de alcançar, mas o lar é um desses ambientes em que as mulheres conseguem depositar o controle na organização e no cuidado, é onde elas podem utilizar desse poder, mesmo que venha com uma sobrecarga de tarefas. Muitas vezes não deixar o marido ou filhos fazer as tarefas também é uma forma de manter esse poder que ela conseguiu construir, quase como uma forma de se enxergarem com mais poder do que os homens, de cuidar melhor, de fazer melhor. De certo modo, querer tirar instantaneamente as tarefas de suas mãos para dividi-las com os filhos pode significar para elas que estariam abrindo mão desse poder.

Valeska Zanello (2018) comenta como as mulheres são ensinadas a partir de uma pedagogia de afetos que faz parte dos processos de subjetivação dos indivíduos. O roteiro de comportamentos para as mulheres é o de serem as responsáveis pelo cuidado, por manter a casa arrumada e limpa, por saberem desde pequeninas a lavar a

louça, a cuidar dos irmãos, e isso se internaliza e determina comportamentos quando se tornam mães, reforçando também esse tipo de comportamento nos filhos, mesmo sem reconhecer que esse processo acontece. Além disso, a autora comenta que a não realização e responsabilidade por essas tarefas traz às mulheres um sentimento de culpa, por não estarem reproduzindo o seu papel idealizado de mãe, esposa, mulher.

É interessante perceber como a dinâmica que determina as tarefas tanto no ambiente de trabalho como no lar se organizam de modo que as mulheres precisam ser as responsáveis para o trabalho ser bem realizado, tanto que mesmo com filhos adultos ou maridos, as mulheres preferem elas mesmas realizar as tarefas do que deixar para que eles façam, pois como dizem, não ficará bom e teriam que fazer tudo de novo. Da mesma forma, percebe-se essa dinâmica no ambiente de trabalho, realizando tarefas que deveriam estar a cargo dos homens, para que o trabalho seja realizado mais rápido e melhor.

#### Imagem 8. Encontro 2



Créditos: Bruna Martins (fotógrafa)

Ao refletirem se gostam de realizar as tarefas domésticas elas comentam que é mais uma obrigação do que algo que gostam de fazer, para a maioria o trabalho

doméstico é visto como algo pesado e que acaba ocupando seu tempo:

“Tem que fazer.” (Participante 7, 2023, s.p.)

“Tem que fazer né, por obrigação.” (Participante 6, 2023, s.p.)

A única participante do grupo que comentou que gosta de cozinhar e que faz isso por prazer, foi a participante 4, a mais nova da cooperativa. Ela também relata que seu marido também a ajuda em casa e a cuidar dos filhos. Segundo ela, na infância do seu marido, o pai dele (seu sogro), brigava muito se ele estivesse ajudando a mãe, porque as tarefas eram coisa de mulher.

“Ele falava que era serviço de mulher e não de homem” (Participante 4, 2023, s.p.)

Atualmente, agora casado e com filhos, o esposo dela ensina as crianças a fazerem as tarefas domésticas junto com ele e a esposa:

“Eles são muito independentes, eu ensinei desde novinho a serem independentes.” (Participante 4, 2023, s.p.)

Segundo Iaconelli (2019) o desafio da parentalidade nos tempos atuais, é maior para as mães, ao gerar um filho, geram-se também expectativas com o novo sujeito que virá e conseqüentemente a forma com que cada mãe lida com a criação de um filho, tem relação com a sua experiência com a maternidade também. Algumas mães querem dar aos filhos o que não tiveram, outras fazem o possível para manter os filhos para si mesmas, os colocando como objeto de seu narcisismo. Independentemente da forma que cada mãe conduz a criação dos filhos, isto perpassa pela relação subjetiva do maternar para cada uma.

Valeska Zanello (2017) comenta que as mulheres são criadas e construídas em sua subjetividade para o outro, para o cuidado do outro. A participante 5, como vimos, mora sozinha com o filho de 18 anos que não ajuda nas tarefas de casa, pois ela prefere fazer do jeito dela, não deixando o filho contribuir, enquanto a participante

4, com dois filhos pequenos, tem ensinado eles a serem mais independentes e aprenderem a cuidar da casa, pois também moram nela.

Interessante também perceber a diferença entre as gerações, por exemplo, como o sogro da participante lidava com o assunto e como o seu marido hoje consegue ter outra visão e ajudar a esposa a ensinar os filhos pequenos a realizarem as tarefas da casa também.

Para as participantes é difícil fazer os homens realizarem mais tarefas domésticas:

“Eu nem quero, bem na verdade porque tudo que ele vai fazer na casa é mal feito, não é igual a mulher.” (Participante 3, 2023, s.p.)

Novamente percebe-se uma relação entre as dinâmicas no lar e no trabalho, pois as falas parecem se repetir, e a insatisfação com o trabalho realizado pelos homens, seja da sua família em casa ou no trabalho, remete ao mesmo modo de comportamento que elas não aprovam. Em ambos os ambientes as mulheres realizam as tarefas, pois acreditam que as mulheres sabem fazer melhor e terão melhores resultados. Preferem elas mesmas fazer todas as tarefas domésticas para que seja bem feito, preferem tomar a frente e fazer o trabalho dos homens na cooperativa pelo mesmo motivo.

Para Maria Saboya (2013), apenas a partir da década de 1960 que as discussões sobre as desigualdades de gênero começam a ter relevância social e científica, iniciam-se as reflexões em torno da desconstrução de argumentos em que as relações desiguais de gênero fossem ditas como naturalizadas e imutáveis, além da desmistificação de teorias de determinação biológica. Porém, mesmo com maior conhecimento e mudanças que ocorreram ao longo dos anos, a estrutura que mantém essas desigualdades continua sendo reproduzida, beneficiando quem se aproveita dessas desigualdades.

Heleieth Saffioti (1976) argumenta que a existência de um trabalho não remunerado, realizado pelas mulheres no interior do lar, garante a reprodução da força de trabalho, além de intensificar a exploração do contingente feminino.

Para eliminar as desigualdades de gênero torna-se imprescindível combater as desigualdades de distribuição de trabalhos remunerados e não remunerados entre mulheres e homens, pois, conforme estudos da ONU (2019), os debates sobre a desigualdade são centrados especialmente sobre a desigualdade de distribuição de

renda, que aumentam a desvantagem econômica das mulheres.

A pobreza econômica se relaciona diretamente à pobreza de tempo, de modo que mulheres e meninas são privadas de saúde, educação, lazer, descanso, entre tantos outros fatores. Conforme Elizabeth Hyde, Margaret Greene e Gary Darmstadt (2020), a pobreza de tempo é um problema global de direitos humanos, pois afeta diretamente na qualidade de vida e na aquisição de novas oportunidades para mulheres e meninas no mundo todo.

Além de limitar o acesso das mulheres a oportunidades de carreira, interfere na sua saúde física e mental, de modo que, segundo os autores, é mais uma manifestação do sistema de opressão baseado na desigualdade de gênero e que continua a restringir normas e expectativas em relação aos papéis e responsabilidades de homens e mulheres na sociedade. Normas de gênero restritivas limitam o acesso das mulheres a empregos mais bem remunerados e estudos, e controlam o modo como elas podem usufruir desses recursos, incluindo o seu próprio tempo. Eles também afirmam que ao investir para que mulheres tenham maior controle sobre seu tempo, há mais benefícios para sua saúde, assim como para a saúde e desenvolvimento econômico das suas famílias e comunidades.

A pobreza de tempo limita a participação das mulheres na economia formal, as impedindo de completar os estudos, obter um emprego bem remunerado, além de obrigá-las a aceitar trabalhos menos remunerados e precários. Segundo a OIT, 61,2% da população empregada trabalha em empregos informais, sem direitos trabalhistas, sem proteção social, e destes, as mulheres ocupam os cargos menos favorecidos, trabalhando em lugares ainda mais vulneráveis, não tendo segurança social, direitos e fiscalização. “La mayor parte de las personas asumen el trabajo informal no de forma voluntaria, sino como resultado de la falta de oportunidades en la economía formal” (ONU, 2019).

As catadoras relatam que quase não tem tempo para outras atividades além do trabalho na cooperativa e em casa. Após o horário de trabalho, elas continuam suas tarefas no lar, limpando, cozinhando, cuidando dos filhos, tendo menos tempo para cuidar de si mesmas e fazendo uso, muitas vezes, de medicamentos para lidar com a exaustão mental. Essas tarefas são vistas como obrigações, já que se não fazem não tem quem faça.

A pobreza de tempo se refere a falta de tempo necessário para as pessoas satisfazerem suas necessidades básicas de descanso, recreação, tempo livre, por conta de um excesso de trabalho tanto remunerado como não remunerado/ doméstico

(cuidados). Isso interfere diretamente na qualidade de vida, a desigual distribuição das responsabilidades de cuidado faz parte sistematicamente da sociedade, designando às mulheres essa tarefa e impactando diretamente no ciclo da pobreza.

A nivel mundial, la incidencia de la pobreza extrema entre las mujeres de edades comprendidas entre 25 y 34 años es más baja en el caso de las que participan en el empleo remunerado y más elevada en el caso de las que ejercen como trabajadoras familiares auxiliares o como trabajadoras por cuenta propia. Entre las personas que no participan en la fuerza de trabajo, la incidencia de la pobreza extrema es 8 puntos porcentuales superior para las mujeres, frente a los hombres, en concreto del 18,3 % y el 10,0 %, respectivamente (ONU, 2019, p. 29).

O gênero tem dimensões econômicas-políticas por ser um princípio estruturante da economia política, estruturando a divisão entre o trabalho produtivo remunerado e o reprodutivo e doméstico não remunerado atribuído às mulheres. Mas além disso, o gênero também estrutura a divisão interna do trabalho remunerado, com as diferenças de ocupações profissionais com maior renda, dedicada aos homens, e ocupações de cuidado e serviços domésticos, de baixa remuneração, designados às mulheres.

Então, a estrutura econômico-política se baseia em exploração, marginalização e privação marcados pelo gênero (FRASER, 2006). A injustiça de gênero aparece como injustiça distributiva que precisa de compensações redistributivas, abolindo a divisão do trabalho como se apresenta: trabalho remunerado e não remunerado, mas também as diferenças dentro do próprio trabalho remunerado.

Porém, Nancy Fraser (2006) comenta que gênero não se apresenta apenas como uma diferenciação econômico-política, mas uma diferenciação de valoração cultural e que necessita como solução o reconhecimento. Na sociedade, traços associados à masculinidade continuam sendo privilegiados e aceitos como norma, resultando no sexismo cultural que desqualifica todo e qualquer coisa considerada “feminina”, e não somente as mulheres, mas que resulta em violência e exploração sexual, violência doméstica generalizada, representações objetificadas, assédios, etc. Todo o combo de comportamentos e crenças que inferiorizam as mulheres e as mantêm em desvantagem, tanto na esfera pública como na privada.

Isso é o que Fraser chama de injustiças de reconhecimento, por isso é necessário conceder reconhecimento positivo a um grupo especificamente desvalorizado.

As injustiças de gênero precisam tanto de uma redistribuição econômico-política, como de medidas independentes e adicionais de reconhecimento. “O androcentrismo e sexismo predominantes exigem a mudança dos valores culturais (assim como de suas expressões legais e práticas) que privilegiam a masculinidade e negam respeito às mulheres” (FRASER, 2006, p.234).

O gênero é, em suma, um modo bivalente de coletividade. Ele contém uma face de economia política, que o insere no âmbito da redistribuição. Mas também uma face cultural-valorativa, que simultaneamente o insere no âmbito do reconhecimento. Naturalmente, as duas faces não são claramente separadas uma da outra. Elas se entrelaçam para se reforçarem entre si dialeticamente porque as normas culturais sexistas e androcêntricas estão institucionalizadas no Estado e na economia e a desvantagem econômica das mulheres restringe a “voz” das mulheres, impedindo a participação igualitária na formação da cultura, nas esferas públicas e na vida cotidiana. O resultado é um círculo vicioso de subordinação cultural e econômica. Para compensar a injustiça de gênero, portanto, é preciso mudar a economia política e a cultura.

Assim, esse caráter bivalente do gênero demonstra que as mulheres sofrem de dois tipos de injustiças distintas que precisam de duas soluções distintas: a redistribuição e o reconhecimento. Ao mesmo tempo em que a redistribuição pretende acabar com a diferença de gênero, o reconhecimento busca valorizar as suas especificidades, portanto, é preciso dissolver a diferenciação ao mesmo tempo em que é necessário buscar soluções culturais que valorizem essa coletividade.

Essa distribuição desigual no âmbito do trabalho faz com que as mulheres aceitem involuntariamente trabalhos de meio-período, informais e precários. A carga desproporcional de trabalho de cuidados não-remunerados realizados pelas mulheres interfere diretamente em oportunidades para que elas consigam melhores condições econômicas. Conforme o Instituto McKinsey, na América Latina, 52% das mulheres afirmaram que precisavam ter mais tempo para suas famílias e por isso decidiram abandonar voluntariamente seus empregos no início da carreira ou até mesmo após anos de estabilidade profissional (OIT, 2016).

Segundo o estudo realizado em 2018 pela ONU Mulheres, intitulado Reconocer, redistribuir y reducir el trabajo de cuidados: prácticas inspiradoras en América Latina y el Caribe, é preciso:

- Reconocer: Hacer visible y revalorizar el trabajo de cuidados como un trabajo clave para el bienestar de las sociedades y para el funcionamiento de la economía, tanto como bien prestado en el seno de los hogares, como desde su consideración de sector económico de empleo decente en pleno auge.
- Redistribuir: Distribuir de manera más justa y equilibrada el trabajo de cuidados no remunerado y las responsabilidades domésticas entre mujeres y hombres, así como el ejercicio de la paternidad responsable.
- Reducir: Apoyar y dar cobertura a las necesidades básicas del cuidado, reduciendo la carga de trabajo no remunerado que soportan desproporcionadamente las mujeres en los hogares, desde un enfoque de derechos (el derecho a los cuidados como derecho clave de la ciudadanía) y basándose en los principios de igualdad, universalidad y solidaridad.

É estrutural que esses cuidados sejam realizados no âmbito privado e por mulheres. Conforme Nancy Fraser (2009), o androcentrismo nas décadas de 1950 e 1960 nos EUA, determinava que o homem - cidadão trabalhador masculino branco e “chefe de família” - seria o provedor do sustento da casa, sendo que seu salário deveria ser o principal ou exclusivo, e que salários adicionais recebidos por suas esposas, quando existiam, seriam apenas suplementares. Essa visão androcêntrica foi por muito tempo um ideal social bastante relacionado à modernidade que definiu normas de gênero, e reforçava a autoridade dos homens sobre assuntos domésticos, valorizava o trabalho assalariado, diminuía a importância social do trabalho não-assalariado de atenção à família e do trabalho reprodutivo. “Institucionalizando compreensões androcêntricas de família e trabalho, naturalizou injustiças de gênero e as removeu da contestação política” (p.16).

A essência do androcentrismo era uma divisão sexista do trabalho que sistematicamente desvalorizava atividades, remuneradas e não remuneradas, que eram executadas por ou associada com mulheres. Existem conexões profundamente estruturais entre a responsabilidade das mulheres à maior parte dos cuidados não remunerados, a subordinação no matrimônio e na vida pessoal, a segmentação de gênero dos mercados de trabalho, a dominação do sistema político pelos homens, e o androcentrismo da provisão do bem-estar social, a política industrial e os esquemas de desenvolvimento. Tudo isso demonstra a má distribuição de gênero, a falta de reconhecimento e a falta de representação (FRASER, 2009).

Adriana Picitelli (2002, p. 9) comenta:

Às diversas correntes do pensamento feminista afirmam a existência da subordinação feminina, mas questionam o suposto caráter natural dessa subordinação. Elas sustentam, ao contrário, que essa subordinação é decorrente das maneiras como a mulher é construída socialmente. Isto é fundamental, pois a idéia subjacente é a de que o que é construído pode ser modificado. Portanto, alterando as maneiras como as mulheres são percebidas, seria possível mudar o espaço social por elas ocupado.

A subordinação da mulher advém da própria maneira como a sociedade é socialmente organizada, com a criação de obstáculos que dificultam a emancipação da mulher na cultura, na política, no âmbito familiar e no trabalho. As barreiras que dificultam essa emancipação não podem ser homogeneizadas, nem tampouco naturalizadas, pois cada país, com sua cultura, religião, economia etc., pode ter formas diferenciadas no modo de reconhecer a mulher enquanto mãe, esposa, trabalhadora, política etc (TORRES, 2006).

Existe uma dissonância entre os avanços femininos no mercado de trabalho e a permanência da mulher como responsável majoritária pelas tarefas domésticas. Isto se deve ao fato de que os avanços da mulher no campo profissional não vieram acompanhados, em igual escala, de um processo de “desnaturalização” do tradicional papel feminino em torno do nascimento dos filhos e da desconcentração do trabalho reprodutivo (aquele circunscrito ao âmbito doméstico) na figura da mãe (COELHO, 2016).

A necessidade de cuidados na sociedade é universal, no entanto, apenas uma parcela da população é responsável pelo seu provimento e a forma vigente de realização desse trabalho garante benefícios que privilegiam o homem branco, heterossexual, de classe abastada como modelo generalizado de ser humano e evidencia como ocorre a exploração das trabalhadoras do cuidado.

Paralelamente ao cuidado dentro dos lares, percebe-se que a própria atividade de limpeza das ruas, da coleta do lixo, é a prática de cuidado e também é majoritariamente feminina. Cuidado ambiental e gênero interconectam, e a feminização do trabalho doméstico é projetado para outras áreas da vida dessas mulheres, a feminização do cuidado da cidade, do lixo coletado. As que limpam a sujeira do lar, são as que limpam a cidade.

Mas enquanto mecanismo de controle, o sistema capitalista consegue subverter essas indagações incutindo ao subjetivo das mulheres que não, elas não lidam

com lixo, elas são “agentes ambientais”, “recicladoras”... nomes que tomam para si também como parte de sua identidade, embora a função continue a mesma: catação. Os nomes que a sociedade dá, muitas vezes é diferente do que elas vivenciam e do olhar que tem sobre si, ser recicladora é ainda limpar a cidade.

Esse encontro mostrou as relações familiares como grande reprodutora de comportamentos desiguais de gênero. Pode-se perceber como as diferenças estão intrínsecas a nossa sociedade, desde a infância das mulheres, quando somente as filhas mulheres precisavam fazer as tarefas domésticas em casa, e como também na atualidade se mantém como uma regra no momento em que o marido ou o filho homem não sabem cuidar do lar, e essas tarefas ficam a cargo, novamente, das mulheres.

## 7 MULHERES E O SOFRIMENTO PSÍQUICO

O capitalismo neoliberal investiu na inserção das mulheres no mercado de trabalho elaborando uma nova narrativa do avanço feminino e de justiça de gênero (FRASER, 2009) migrando do salário familiar (provido pelo homem) para famílias com dois assalariados (homem e mulher), resultando em turnos triplos ou quádruplos para as mulheres e um aumento de lares chefiados por elas.

Essa desproporção se apresenta como obstáculo para o empoderamento econômico e para que as mulheres possam usufruir de seus direitos, visto que não tem tempo para o descanso, estudos, para crescer nas suas carreiras profissionais ou ter mais participação política. Embora o avanço das mulheres no mercado de trabalho, isso não reduziu suas tarefas domésticas e de cuidado não remunerado, já que a inserção da mulher nas atividades econômicas não fez com que os homens começassem a se responsabilizar mais com os trabalhos domésticos e de cuidado.

Para pensar sobre estas questões, Claudia Mazzei (Nogueira, 2010) retoma o que seria a feminização do mundo do trabalho, processo que remonta à década de 1970. Nos anos 1990, houve um crescimento do trabalho remunerado feminino mas, mesmo ampliando a participação feminina no mundo produtivo, as tarefas domésticas continuavam reservadas exclusivamente à mulher, ou seja, a organização da família patriarcal pouco foi alterada, o marido se manteve provedor e a esposa a provedora complementar e dona de casa, confirmando a divisão sexual desigual do trabalho (NOGUEIRA, 2010, p. 59).

Ingrid Martins (2016) comenta que para o funcionamento do capitalismo, é preciso que ele mantenha as condições sociais de subordinação da mulher, precarizando o seu trabalho na esfera produtiva e não remunerando o trabalho reprodutivo necessário para a própria existência de mão de obra.

Com o avanço das lutas feministas as mulheres passaram a ouvir distintas narrativas: de um lado, os grupos femininos das classes médias profissionais, brancas, que buscavam mudar suas realidades e não ser designadas somente a tarefas de serem esposas e mães; no outro extremo, as trabalhadoras temporárias, de trabalho parcial, prestadoras de serviço de baixa remuneração, domésticas, trabalhadoras do sexo, migrantes, mulheres não brancas e pobres que buscavam não apenas renda e segurança material, mas também dignidade, auto-aperfeiçoamento e liberação em relação à autoridade tradicional. Nos dois extremos, o sonho de emancipação das mulheres está

subordinado à máquina de acúmulo capitalista.

Para as mulheres, o peso das obrigações relativas às atividades reprodutivas permanece como um elemento a influenciar sua inserção e confinamento, principalmente no contexto da informalidade, nas atividades e relações de trabalho mais desqualificadas e desvalorizadas por serem vistas como uma continuidade das tarefas desempenhadas no espaço doméstico (ARAÚJO, 2012, p. 168).

Não é à toa que as mulheres sofrem cada vez mais com a pobreza (escassez) de tempo, sendo esse índice importante para compreender as taxas de pobreza crescente, já que o tempo é considerado um ativo importante para o acesso a oportunidades e para o bem-estar. Além disso tudo, as mulheres ficam com a gestão emocional sobre as tarefas de cuidado a serem realizadas, uma carga mental que interfere diretamente na qualidade de vida, gerando mais responsabilidades, esgotamento psíquico e físico.

O quarto e último encontro realizado na Unidade de Valorização de Resíduos Geraldo Sálvio de Paula foi no dia 11 de agosto de 2023 e teve como proposta conversar com as catadoras sobre mulheres inspiradoras, abordando a relação das participantes com a imagem de “mulher ideal” e as representações femininas que muitas vezes não fazem parte do seu contexto de vida. Esse encontro teve a participação de três mulheres (que já haviam participado dos encontros anteriores).

Inicialmente a conversa estava mais dispersa, ao serem convidadas para participar do encontro muitas estavam sobrecarregadas e decidiram não participar, apenas três delas conseguiram tirar alguns minutos para o grupo. Assim, o encontro foi sendo direcionado para o tema de mulheres ideais, filmes, novelas, músicas, e elas puderam expor o que elas gostam de ouvir e assistir.

Comentam sobre como os padrões que se estabelecem hoje na sociedade não fazem sentido para o contexto de vida e trabalho delas:

“É, mas acho que aqui esse padrão (estético) não se enquadra, de quem tá mais bonito, isso, aqui, eu acho que não...” (Participante 4, 2023, s.p.)

“É, eu também depende do dia. Tem dia que eu quero vim bem bonita com o cabelo solto, e já tem dia que eu não quero nem pentear o cabelo.” (Participante 1, 2023, s.p.)

“Aqui também né, pelo trabalho, o dia a dia da gente é muito corrido”  
(Participante 4, 2023, s.p.)

Trouxeram também a questão da comunidade em que vivem e como se relacionam na vizinhança:

“Ainda mais que a gente mora numa comunidade assim, inferior né... Então quase todo mundo é do mesmo jeito” (Participante 4, 2023, s.p.)

A forma como as catadoras se enxergam enquanto mulheres, indivíduos participantes da sociedade diz muito do que elas vivenciam nas suas relações com o social, com os colegas de trabalho, com suas famílias, e que repercute no modo como se relacionam consigo mesmas. O olhar do outro define padrões e comportamentos para a adequação nas dinâmicas sociais.

A participante 2 conta que sua filha sofreu feminicídio e que a partir desse momento ela tem apresentado sofrimento em distintas áreas de sua vida:

“Não, de música eu não gosto. Desde que a minha menina faleceu eu abandonei tudo. Só assisto a novela. Até as comidas que ela comia, que ela gostava, eu não faço mais” (Participante 2, 2023, s.p.)

A perda da filha ocasionou na perda de sono e de apetite, além de mudar a relação que ela tinha com as músicas e alimentos que ela gostava. Conta que até hoje, três anos depois da tragédia, ela ainda não consegue fazer as tarefas da casa normalmente, e que tudo lembra a filha, uma dor que sente que nunca irá superar.

“Eu fico assim acordada, não consigo mesmo. Eu não sei se é porque eu fico pensando, sabe?” (na filha) “Eu não gosto do que aconteceu com a minha família. Eu não consigo dormir” (Participante 2, 2023, s.p.)

Conforme Camila Sousa (2021), o sofrimento é uma experiência que também faz parte da relação com o trabalho e adoecimentos não são meramente disfunções orgânicas, mas também advindas de contextos sociais e pressões relacionadas, por exemplo, aos papéis de gênero. As participantes comentaram que

sofrem com ansiedade, depressão, tomam medicamentos controlados e têm dificuldades para dormir.

A medicalização dos corpos femininos é um problema atual e que remete a utilização de recursos para sufocar problemas muito maiores que atravessam a vida das mulheres, mas que são deixados de lado para que as mulheres consigam continuar sendo funcionais na sociedade.

Na leitura psicanalítica, o sintoma é um fenômeno subjetivo que não constitui necessariamente sinal de uma doença, mas a expressão de um conflito inconsciente ou uma forma de lidar com ele (ARAÚJO et al, 2016, p. 514).

A interseccionalidade de raça, gênero e classe social precisa ser considerada quando falamos em sintomas e adoecimento, já que cada parte desse conjunto gera distintas formas das mulheres se relacionarem com o mundo e consigo mesmas. O tratamento da sociedade com o viés de discriminação e desigualdade de raça, classe e gênero insere na vida das mulheres sofrimentos que perpassam um diagnóstico clínico.

Segundo Elisabeth Vieira (2002), o corpo feminino e a condição de ser mulher podem ter sido os primeiros objetos de interesse e manipulação de poder masculino, incluindo os estudos da medicina e psicologia, que utilizavam de suas técnicas para a higienização e normatização dos indivíduos. Ignoram-se as subjetividades femininas, o contexto em que esses sofrimentos surgem e perpetuam, e inicia-se um processo de suprimir sintomas, mas que não faz com que o sofrimento desapareça, ele é apenas mascarado.

Além disso, as catadoras relatam que nem sempre querem ir trabalhar e que existem alguns conflitos dentro da cooperativa:

“Tem dia que tá uma paz, tem dia que não...” (Participante 4, 2023, s.p.)

“Tem vez que uns dez dias, meu deus do céu, dá até gosto de vir trabalhar... E tem vez que fica vinte dias que não dá vontade de vir trabalhar, um querendo matar o outro...” (Participante 1, 2023, s.p.)

O sofrimento mental está presente na realidade das mulheres, suas histórias têm diversas nuances que retratam as lutas cotidianas para se manter em um trabalho que por si só é bastante difícil e traz conflitos próprios dentro da dinâmica com as/os colegas, assim como os problemas pessoais e familiares que permeiam seu dia a dia.

Ao mesmo tempo em que relatam conflitos no trabalho, contam que todos os dias acabam cozinhando juntos para que todos possam comer na cooperativa. E ao pensar sobre os padrões, principalmente os de beleza, que veem nas novelas, elas falam que não gostariam de ser outra mulher, que gostam de ser elas mesmas.

Segundo Joaquim Vasconcelos (2020), mesmo diante dos processos de vulnerabilização que estão inseridas, as catadoras de materiais recicláveis apresentam maneiras de subversão da realidade, produzindo as suas próprias alternativas para o cuidado em saúde e o manejo da vida.

Patrícia Hill Collins (2019) e Angela Davis (2016) falam sobre as práticas de resistência a opressões vividas pelas mulheres negras para além de percebê-las como formas de sobrevivência, elas se reinventam para cuidarem de si e dos outros, familiares e amigas.

Segundo Luciana Silva (2017), as marcas sobre os corpos, especialmente sobre os corpos femininos, refletem poderes diferenciados que produzem desigualdades de pertencimentos sociais entre homens e mulheres e que são históricas na sociedade brasileira. Angela Davis (2016) afirma que as mulheres negras sempre trabalharam, principalmente no campo, por conta da escravidão. A relação dos homens brancos com as mulheres negras era ambígua e oportuna, quando queriam reprimi-las, puni-las ou explorá-las, eram sexualizadas e estupradas; quando o interesse era o lucro e a exploração econômica, elas eram vistas sem gênero ou mesmo masculinizadas. Assim, foram tornadas objetos ao extremo, já que mal eram vistas como mães, mas sim como reprodutoras.

Diversos problemas psíquicos podem atingir esses trabalhadores: “entre eles desânimo, raiva, irritabilidade, ansiedade, baixa autoestima, desamparo e sentimento de humilhação, aspectos diretamente relacionados com a própria desvalorização e rejeição do trabalho do catador pela sociedade” (Galon e Marziale, 2016, p. 185). Esses fatores negativos, no entanto, podem contribuir para a tomada de consciência da opressão e formar a identidade social de uma categoria, muitas vezes estimulando a organização coletiva que tem sido fundamental, pois abre possibilidades de resgate

humano, de aumento da autoestima, de conquista de direitos e de redução da sujeição (FERREIRA, 2023).

Ainda assim, elas encontram no trabalho uma forma de ressignificar suas experiências. Para Bárbara Rosa (2014), é por meio do agir/trabalhar que modificamos a realidade externa ao mesmo tempo em que construímos a nós mesmos, conferindo sentido e significado para a vida. Para catadoras e catadores, conforme Martins *et. al* (2016), o lixo deixa de ser lixo e se torna resíduo sólido, de luta, de fortalecimento de laços coletivos e fonte de renda. A participante 2 comenta como era trabalhar na rua, e que não deixava ninguém ser preconceituoso com ela, revidando e tentando explicar que o trabalho que realizava era necessário, que a reciclagem é importante para a limpeza e sustentabilidade.

Principalmente por se inserirem em uma cooperativa, as mulheres encontram no grupo o auxílio que precisam quando algum problema pessoal surge. Ali elas conseguem validar suas preocupações e angústias, e geralmente são acolhidas pelas outras mulheres que conseguem compreender pelo que estão passando. Os laços de afetividade são importantes para elas nesse contexto, mesmo quando existem conflitos entre elas, ou com os homens.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa com mulheres catadoras de materiais recicláveis traz uma nova perspectiva sobre trabalho, gênero e desigualdades que perpassam a vida dessa categoria. Trabalhar com os resíduos provindos da população que consome cada vez mais, é trabalhar com o resultado de um sistema de consumo e aquisição desenfreada de bens.

As mulheres catadoras, por muitas vezes, encontram na coleta seletiva uma forma de adquirir o sustento de si e de suas famílias, e de resistir em meio às injustiças sociais que as inserem em atividades mal remuneradas e precárias. Entrar para uma cooperativa é uma possibilidade de tentar mudar a realidade de mulheres que trabalhavam nas ruas e que não tinham seus direitos trabalhistas garantidos, vivendo com o receio de que talvez não recebessem dinheiro o suficiente para a alimentação, moradia e necessidades básicas.

Como vimos, a inserção das mulheres no mercado de trabalho não diminuiu as condições desiguais dentro e fora do contexto laboral, mas manteve comportamentos que dividem o trabalho, a valorização e o reconhecimento de homens e mulheres. A divisão sexual do trabalho mantém as mulheres ainda submissas à ideia de que o trabalho masculino é mais valorizado, e que os trabalhos de cuidado devem ser realizados somente por elas. As desigualdades de gênero estão presentes em todos os âmbitos de vida de mulheres e homens na sociedade. No contexto das mulheres catadoras de materiais recicláveis isso não é diferente. Mas o modo de lidar com essas diferenças se apresenta de uma forma muito peculiar, pois elas têm seu próprio modo de lidar com essas situações e comportamentos. É o modo como aprenderam a sobreviver.

Segundo Adriana Ferreira (2023) está em curso um processo recente de afirmação das mulheres catadoras como lideranças nesses espaços organizativos. À medida que adquirem consciência do valor de seu trabalho e de sua capacidade de se desenvolver como mulheres e como profissionais, passam a reivindicar o reconhecimento político e ocupam lugares de direção nas organizações. Assim, ocorrem avanços na participação política das mulheres catadoras – nas atividades internas, com a conquista de cargos de liderança, e externas, em espaços públicos.

Esse processo se inicia a partir da inserção das catadoras em organizações coletivas associativas e cooperativas locais, espaços em que são desafiadas a assumir responsabilidades de gestão, indo além das demandas mais

urgentes de sobrevivência, e descobrindo a importância da ação coletiva. Algumas delas encontraram as lutas feministas, desejaram direitos e possibilidades iguais para todas e todos, foram se organizando, ampliando suas articulações e, sobretudo, reconhecendo sua situação de classe social e de mulher numa sociedade com as marcas históricas do patriarcado que explicam as desigualdades de gênero (FERREIRA, 2023).

Conforme Camila Paiva (2017, p. 200) essas estratégias têm repercussões nos diversos espaços e relações sociais das catadoras, inclusive no enfrentamento de distintas violências, “uma vez que conquistam a independência financeira, a autonomia e a possibilidade de sustentar suas famílias”.

Nesse contexto, a estratégia mais adequada para enfrentar as desigualdades de gênero está no fortalecimento das articulações das mulheres catadoras para afirmar o seu lugar nos processos organizativos locais e nacionais. Essas mulheres são protagonistas do desenvolvimento de um trabalho educativo, de sensibilização e de convencimento sobre as opressões de gênero e a luta para superá-las (FERREIRA, 2023).

Ao adentrar nos espaços organizativos que antes eram privativos de lideranças masculinas, enfrentam as barreiras que distorcem o reconhecimento de suas capacidades políticas e limitam o acesso aos cargos de direção. Para enfrentar esses desafios, as mulheres catadoras de materiais recicláveis desenvolvem estratégias de autoafirmação, a partir do conhecimento que adquirem de si mesmas e de sua condição de classe social, e passam a se reconhecer como portadoras de direitos, o que possibilita avançar na organização coletiva (FERREIRA, 2023).

Realizar a pesquisa com as mulheres catadoras pode ser difícil em um grupo que talvez não esteja acostumado com esse tipo de atividade, mas conseguimos diálogos importantes durante os encontros, e foi muito importante para a minha formação, pessoal e acadêmica, ter tido esse contato próximo com as mulheres e poder estabelecer um espaço de escuta ativa e de troca de experiências. Conhecer a realidade das catadoras, observando seu trabalho de coleta, muda a nossa perspectiva sobre quem são essas trabalhadoras e qual é o nosso papel com o lixo que produzimos. Existe muita luta e conhecimento político por trás dessas histórias, um movimento de ultrapassar padrões socialmente impostos no trabalho das mulheres como catadoras, resultando numa performance mais direta na solução dos problemas e que exige força, tanto física como emocional.



## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Angela M. Carneiro. Informalidade e relações de gênero. In: GEORGES, I.; LEITE, M. P. (orgs.). **Novas configurações do trabalho e economia solidária**. São Paulo: Annablume, 2012, p. 135-172.

BATTHYANY, Karina; GENTA, Natália; SCAVINO, Sol. Análisis de género de las estrategias de cuidado infantil en Uruguay. **Cadernos de pesquisa**. v.47, n.163, p.292-319 jan. /mar. 2017.

BORGES, Camila Delatorre; SANTOS, Manoel Antônio dos. Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. **Revista da SPAGESP**, v. 6, n. 1, p. 74-80, 2005.

BORGES, Rosane Villanova; CARBONERA, Mirian; DE LIMA TRINDADE, Larissa. Catadores de materiais recicláveis: Uma revisão integrativa da literatura. **Desenvolvimento em Questão**, v. 21, n. 59, p. e14271-e14271, 2023.

BOSI, Antônio de Pádua. A organização capitalista do trabalho "informal": o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, p. 101-116, 2008.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2019, pp.325-333.

CECARELI, Paulo Roberto et. al. **Psicanálise, sexualidade e gênero: um debate em construção**. 1º ed. São Paulo: Zagodoni, 2019.

CENTENARO, Alexa Pupiará Flores Coelho et al. Catadores de material reciclável: vida e trabalho à luz dos determinantes sociais de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, 2021.

CHOPRA, Deepta; ZAMBELLI, Elena. No time to rest: Women's lived experiences of balancing paid work and unpaid care work. **Institute of Development Studies**, 2017. Disponível em: [No Time to Rest: Women's Lived Experiences of Balancing Paid Work and Unpaid Care Work - Institute of Development Studies \(ids.ac.uk\)](#) Acesso em: 06 out 2023.

CLAVERO, A. F. Entrevista concedida. Foz do Iguaçu, 26/05/2023.

COELHO, Alexa Pupiará Flores et al. Mulheres catadoras de materiais recicláveis: condições de vida, trabalho e saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo editorial, 2019.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relato de uma humilhação social**. Globo Livros, 2004.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: **Unifem**, v. 1, n. 1, p. 7-16, 2004.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA, Adriana Cristina Xavier Deiga; SILVA, Ronalda Barreto; SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Mulheres catadoras de materiais recicláveis: condições de vida, trabalho e estratégias organizativas no Brasil**. 2023. Disponível em: [Repositório do Conhecimento do Ipea: Mulheres catadoras de materiais recicláveis : condições de vida, trabalho e estratégias organizativas no Brasil](#) Acesso em: 12 out 2023.

FLORES, E.K. Entrevista concedida. Foz do Iguaçu, 28/04/2023.

FOZ DO IGUAÇU. Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. **Histórico da coleta seletiva em Foz do Iguaçu**. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/e/2PACX-1vTmO2dljNDUTjUwm4OjdfRL7OMyx1NTqyFsAamsqfp3rYWFpIIz8j1kNP1qXjSxUY3yCt1g-IG-JWbA/pub> Acesso em: 18 mai 2023.

FRASER, Nancy. A justiça social na globalização: redistribuição, reconhecimento e participação. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 63, p. 07-20, 2002.

FRASER, Nancy. Redistribuição ou reconhecimento? Classe e status na sociedade contemporânea. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares, Rio de Janeiro**, v. 4, n. 1, p. 7-32, 2002.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era "pós-socialista". **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 15, n. 14-15, p. 231-239, 2006.

FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 2, 2007.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Mediações Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, p. 11-33, 2009.

FREITAS, Taís V.; NOBRE, Miriam. Possibilidades e limites na construção de igualdade de gênero na Economia Solidária. In: GEORGES, I.; LEITE, M. P. (orgs.). **Novas configurações do trabalho e economia solidária**. São Paulo: Annablume, 2012, p. 399-421.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília; Líber Livro; 2005. 77 p.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da Amefricanidade. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2019, pp.354-366

HIRATA, Helena. et al (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

HYDE, Elizabeth; GREENE, Margaret E.; DARMSTADT, Gary L. Time poverty: Obstacle to women's human rights, health and sustainable development. **Journal of global health**, v. 10, n. 2, 2020.

IACONELLI, Vera. **Criar filhos no século XXI**. Editora Contexto, 2019.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Pesquisa sobre Pagamento por Serviços Ambientais Urbanos para Gestão de Resíduos Sólidos**. Relatório de Pesquisa. Brasília: IPEA, 2010.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas**, p. 55-63, 2003.

LOPES, Bernarda Elane Madureira. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. **Revista educação e políticas em debate**, v. 3, n. 2, p. 482-492, 2014.

MACEDO, Natália Guerra da Rocha; PINHEIRO, Luana Simões. **Determinantes da participação das mulheres brasileiras na força de trabalho durante a pandemia da covid-19**. 2022. Disponível em: [Repositório do Conhecimento do Ipea: Determinantes da participação das mulheres brasileiras na força de trabalho durante a pandemia da covid-19](#) Acesso em: 12 out 2023.

MADRIZ, Esther. (2000). Focus groups in feminist research. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. 2a ed. Thousand Oaks: Sage, cap. 32, p. 835-850, 2000.

MARTINS, Ingrid Gomes et al. Reciclando as relações de gênero: a divisão sexual do trabalho em cooperativas de catadoras e catadores, e o papel de lideranças femininas na política pública de resíduos sólidos no Distrito Federal. **Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional**. Rio de Janeiro: Ipea, p. 75-98, 2016.

MENDES, Rita de C. L. **Os catadores e seletores de material reciclável: o social e o ambiental na lógica do capitalismo**. Tese de Doutorado em Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, 2009.

MICHEUL, Liliane de Alcântara Bordignon. A reestruturação do programa coleta seletiva de foz do iguaçu e os impactos na qualidade de vida e trabalho dos catadores de materiais recicláveis cooperados. **RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia**. v.2, n.2, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9a edição revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec; 2006. 406p.

MIURA, Paula Orchiucci; SAWAIA, Bader Burihan. Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, p. 331-341, 2013.

MNCR. **Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis**. Disponível em: <http://www.mnccr.org.br> Acesso em: 15 mai 2023.

MONTEIRO, A.R.S. Entrevista concedida. Foz do Iguaçu, 28/04/2023.

MUJERES, O. N. U. Reconocer, redistribuir y reducir el trabajo de cuidados. Prácticas inspiradoras en América Latina y el Caribe. **Phoenix Design Aid**, 2018.

MUJERES, O.N.U. **Estudio Mundial sobre el Papel de la Mujer en el Desarrollo: Informe del Secretario General (2019): La importancia de hacer frente a la pobreza económica y la pobreza de tiempo de las mujeres en favor del desarrollo sostenible**. Disponível em: <https://www.unwomen.org/es/digital-library/publications/2019/06/world-survey-on-the-role-of-women-in-development-2019> Acesso em: 06 out 2023.

MUJERES, O.N.U. **El progreso en el cumplimiento de los objetivos de desarrollo sostenible: panorama de género 2022**. Disponível em: <https://www.unwomen.org/es/digital-library/publications/2022/10/el-progreso-en-el-cumplimiento-de-los-objetivos-de-desarrollo-sostenible-panorama-de-genero-2022> Acesso em: 06 out 2023.

ORBACH, Susie. **Gordura é uma questão feminista**. Record, 1986.

PAIVA, Camila Capacle. Mulheres catadoras: articulação política e ressignificação social através do trabalho. **Ideias**, v. 7, n. 2, p. 151-174, 2016.

PERES, V.S.L. Entrevista concedida. Foz do Iguaçu, 28/04/2023.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: **Gênero nos estudos de população**. Campinas, set., 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU (PR). **Plano Municipal De Saneamento Básico - PMSB**. Foz do Iguaçu: Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 2012.

RIBEIRO, Izaque Machado; NARDI, Henrique Caetano; MACHADO, Paula Sandrine. Catadoras (es) de materiais recicláveis e as possíveis articulações entre trabalho precário e relações de gênero. **Cadernos de psicologia social do trabalho**, v. 15, n. 2, p. 243-254, 2012.

ROSA, Bárbara Oliveira. Mulheres invisíveis: a identidade das catadoras de materiais recicláveis. **Revista GÊNERO**, Niterói, v.14, n.2, p. 91-104, 2014.

SÁ, Erika Marques de; OLIVEIRA, Suellen Mayara Péres de. **O movimento é das mulheres: memória e identidade das catadoras de materiais recicláveis em Foz do Iguaçu**. 2019. Disponível em: [O movimento é das mulheres: memória e identidade das catadoras de materiais recicláveis em Foz do Iguaçu \(unila.edu.br\)](https://www.unila.edu.br/revista/revista-da-faculdade-eqa-de-queiros/revista-3-12-2013) Acesso em: 05 fev 2024.

SABOYA, Maria Clara Lopes. Relações de Gênero, Ciência e Tecnologia: Uma Revisão da Bibliografia Nacional e Internacional. **Educação, Gestão e Sociedade**: revista da Faculdade Eça de Queirós. Ano 3, número 12, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classe**. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

SALES, João Eder. Cooperativismo: Origens e Evolução. **Revista Brasileira de Gestão e Engenharia| RBGE| ISSN 2237-1664**, v. 1, n. 1, p. 23-34, 2010.

SIGMUND, Freud. A dinâmica da transferência. **Edição Standard Brasileira das obras completas de**, 1912.

SILVA, Luciana Codognoto da; MENEGAT, Alzira Salete. Histórias de mulheres catadoras: rompendo silêncios, edificando resistências, construindo novas escritas históricas. **Em tempo de Histórias**, n. 24, 2014.

SILVA, Luciana Codognoto da. O trabalho de mulheres na reciclagem: ambiguidades, fronteiras e representações. **Barbarói**, n. 50, p. 90, 2017.

SILVA, Enrico Paternostro Bueno da. Repensando a redistribuição: Nancy Fraser e a economia política. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 18, p. 563-579, 2018.

SILVA, Andrey Ferreira da et al. Elementos constitutivos da masculinidade ensinados/apreendidos na infância e adolescência de homens que estão sendo processados criminalmente por violência contra a mulher/parceira. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 2123-2131, 2022.

SILVA, M. Entrevista concedida. Foz do Iguaçu, 26/05/2023.

SILVA, M. C. Entrevista concedida. Foz do Iguaçu, 26/05/2023.

SINGER, Paul. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.) **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2002. p.81-126.

SOUSA, Camila Viviane Lui de. **Tristes, loucas ou más: Histórias de Vida de Mulheres em Sofrimento Mental**. Mestrado do Programa Interdisciplinar de Estudos Latinos - Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. 114 p. Foz do Iguaçu, 2021.

SOUZA, A.F. Entrevista concedida. Foz do Iguaçu, 28/04/2023.

TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera. **Gênero**. Belo Horizonte:

Autêntica Editora, 2023.

TONELLI, Maria José. Uma questão de gênero. **GV-EXECUTIVO**, v. 21, n. 3, 2022.

TORRES, Maria Adriana da Silva. A divisão sexual do trabalho: A inserção da mulher no mundo do trabalho. **I Seminário Nacional de Trabalho e Gênero**, 2006.

VASCONCELOS, Joaquim Pedro Ribeiro et al. Catadoras de materiais recicláveis e o cuidado em saúde: subvertendo estruturas de desigualdade. **Revista de Ciências Sociais**, n. 52, p. 141-159, 2020.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

WIRTH, Ioli Gewehr. **As relações de gênero em cooperativas populares do segmento da reciclagem: um caminho para a construção da autogestão**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

ZANELLO, Valeska. Saúde Mental, Gênero e Interseccionalidades. PASSOS, Rachel Gouveia; PEREIRA, Melissa de Oliveira (orgs). **Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, p. 52-69, 2017.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivo: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Apris, 2018.

**ANEXOS**

## **ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Em acordo com a resolução CNS 466/2012

A Sra. está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa intitulada: **“VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E A COLONIALIDADE: UM ESTUDO COM MULHERES CATADORAS DE FOZ DO IGUAÇU-PR”**, que tem como objetivo investigar, a partir da perspectiva e história de vida das mulheres que trabalham nas Unidades de Valorização de Recicláveis de Foz do Iguaçu/PR, as desigualdades e violências de gênero presentes no seu cotidiano de vida e trabalho e, a partir disso, analisar como esses fatores se relacionam com a colonialidade presente na sociedade.

Para este estudo, adotaremos o seguinte procedimento: a realização de grupos focais com mulheres catadoras de Foz do Iguaçu, registradas em uma Unidade de Valorização de Recicláveis, com o intuito de debater temáticas relacionadas à gênero, desigualdades e violências no cotidiano, visando colher percepções das participantes sobre cada tema relacionando com suas histórias de vida. Os encontros serão gravados e posteriormente transcritos, de forma que as informações coletadas poderão ser conferidas e ajustadas.

É possível que durante este trabalho possa existir algum desconforto. Se assim ocorrer, a Sra. poderá deixar de participar da pesquisa em qualquer momento ou questionar os procedimentos adotados.

O motivo deste convite é que a Sra. corresponde aos seguintes critérios de inclusão na pesquisa:

1) ser mulher, 2) trabalhar como catadora em uma Unidade de Valorização de Recicláveis de Foz do Iguaçu.

Para participar deste estudo, não haverá nenhum custo nem qualquer vantagem financeira.

A Sra. será esclarecida sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, retirando seu consentimento ou interrompendo sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e, se não desejar mais participar, não terá qualquer penalidade ou mudança em como é atendida pela pesquisadora.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e privacidade, sendo que, em caso de obtenção de fotografias, vídeos ou gravações de voz, os materiais ficarão sob a propriedade da pesquisadora. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. A Sra. não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando esta for concluída.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável na UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO

LATINO-AMERICANA (UNILA) e a outra será fornecida à Sra.

A pesquisadora responsável, que também assina esse documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a resolução 466/12 de 12/06/2012.

Eu, \_\_\_\_\_, n° de CPF \_\_\_\_\_, nascida em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_, residente no endereço: \_\_\_\_\_, na cidade de \_\_\_\_\_, estado \_\_\_\_\_, podendo ser contatada pelo número telefônico ( ) \_\_\_\_\_, fui informada dos objetivos do estudo “**VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E A COLONIALIDADE: UM ESTUDO COM MULHERES CATADORAS DE FOZ DO IGUAÇU-PR**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Concordo que os materiais e as informações obtidos relacionados à minha pessoa poderão ser utilizados em atividades de natureza acadêmico-científica, desde que assegurada a preservação de minha identidade. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar, de modo que declaro que concordo em participar deste estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foz do Iguaçu/PR, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar a pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG IELA), na UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana), ou pelo telefone:

**Pesquisadora:**

Chaiane Ferreira de Souza (46) 99924-3701

**Orientadora:**

Laura Janaina Dias Amato (45) 99901-7272

**Coorientadora:**

Jorgelina Ivana Tallei (45) 99835-7892